# UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE - UNICENTRO-PR PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

AMANDA LAMARA DEMÉTRIO SANTOS

A ADMISSÃO DAS MULHERES EM UM CLUBE DE HOMENS: O ROTARY CLUB (1989-2000)

### AMANDA LAMARA DEMÉTRIO SANTOS

# A ADMISSÃO DAS MULHERES EM UM CLUBE DE HOMENS: O ROTARY CLUB (1989-2000)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-graduação em História, Área de Concentração "História e Regiões" da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO-PR.

Orientadora: Profa Dra Nadia Maria Guariza.

Linha de Pesquisa: Espaço de Práticas e Relações de Poder.

**IRATI** 

#### Catalogação na Publicação Rede de Bibliotecas da Unicentro

#### Santos, Amanda Lamara Demetrio

S237a

A admissão das mulheres em um clube de homens: o Rotary Club (1989-2000) / Amanda Lamara Demetrio Santos. - - Irati, 2020.

xi, 87 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) — Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, 2020.

Orientadora: Nadia Maria Guariza

Banca examinadora: Nadia Maria Guariza, Alexandra Lourenço, Fernando Bagiotto Botton

### Bibliografia

1. Gênero, 2. História das mulheres. 3. Filantropia. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em História

CDD 981



## UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO

# Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESP Programa de Pós-Graduação em História - PPGH Área de Concentração - História e Regiões



# TERMO DE APROVAÇÃO

#### **Amanda Lamara Demetrio Santos**

Admissão de Mulheres em um Clube de Homens: o Rotary Club

Dissertação aprovada em 27/11/2020, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Regiões, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte Banca Examinadora:

Dr. Fernando Bagiotto Botton Universidade Estadual do Piauí Titular

Dr". Alexandra Lourenço Universidade Estadual do Centro-Oeste Titular

Dr<sup>a</sup>. Nadia Maria Guariza
Universidade Estadual do Centro-Oeste
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Irati – PR 2020



#### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente aos meus pais, Rosana e Paulo Roberto, responsáveis por toda motivação que eu procurei em muitos momentos de desespero encontrar, agradeço por todo amparo e apoio que me deram, mesmo em seus momentos de dificuldade, a força que eles tiverem para ir atrás da nossa felicidade foi, e ainda é, meu principal motor na vida, tenho por eles um amor incondicional.

Agradeço a minha irmã Aline, minha mestre, psicóloga e tutora em várias situações de inquietação teórica, agradeço por nossos debates intermináveis e por compartilhar as angústias do mundo, se, na infância, dividia comigo os brinquedos, durante a vida acadêmica dividiu os livros que agora vou poder devolver sem mais atrasos.

Agradeço aos meus amigos que me escutaram falar sobre a pesquisa em tantas noites de festa, agradeço por terem me apoiado. Dedico um carinho especial à Jaqueline Kotlinski e à Mônica Galvão, minhas maiores conquistas da História, que nossa amizade tenha um período de longa duração.

Agradeço a minha orientadora Nadia Guariza por toda paciência e puxões de orelha que precisei receber, especialmente por seu senso de humor reconhecível, fazendo com que tudo ficasse mais leve.

Estendo meus agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram com a pesquisa, obrigada a todos por compartilharem todo tipo de conhecimento comigo, especialmente por me fazer acreditar que eu seria capaz de alcançar os meus sonhos.

#### **RESUMO**

A presente dissertação discorre sobre o processo de admissão das mulheres em um clube majoritariamente masculino, o Rotary Club. Inicialmente, procuramos compreender quais foram os fatores que as impossibilitaram de participar como sócias e líderes distritais nas primeiras décadas do clube, sendo este o contexto das representações das masculinidades existente no processo de fundação, os ideais de feminilidade e masculinidade desenvolvidos durante a trajetória de vida do fundador e, especialmente, as relações de gênero nas sociabilidades clubistas existente no final do século XIX e início do século XX. As mulheres foram admitidas como sócias no Rotary Club apenas partir de 1989, no entanto, foi possível identificar, na análise das narrativas das rotarianas e senhoras de rotarianos, que alguns padrões de feminilidade permaneceram ativos, como a benevolência, o casamento e a maternidade. No caso das líderes e governadoras distritais, o critério da posição de mulheres de negócios, foi um dos fatores que possibilitaram sua participação no clube. O recorte temporal foi estabelecido como período de 1989-2000, por ter sido o período em que foram oficialmente permitidas de participarem a nível internacional. O recorte espacial correspondeu aos distritos espalhados pelo Rotary Club do Brasil, tendo em vista que as narrativas e outras fontes analisadas corresponderam às produções realizadas pela revista Rotary Brasil e a obra Mulheres, suas histórias e trajetórias, confeccionada pelo Distrito de 4480.

Palavras-Chave: Gênero; História das mulheres; Filantropia.

#### **ABSTRACT**

This dissertation discusses the process of admission of women to a mostly male club, the Rotary Club. Initially, we search to understand the factors that made it impossible for them to participate as members and district leaders in the first decades of the club, this being the context of representations of masculinities existing in the foundation process, the ideals of femininity and masculinity developed during founder's life trajectory and, especially, gender relations in club-law sociability existing in the late 19<sup>th</sup> and early 20<sup>th</sup> centuries. The women were admitted as members of the Rotary Club only as of 1989, however, it was possible to identify, in analysis the narratives of Rotarians and Rotarians' Mrs., that some standard of femininity remained active, such as benevolence, marriage and motherhood. In the case of district leaders and governors, the criterion of the position of businesswomen, was one of the factors that enabled his participation in the club. The time frame was established as a period of 1989 to 2000, was the period in which they were officially allowed to participate at international level. The spatial cut-off corresponded to the districts scattered in the Rotary Club of Brazil, considering that the narratives and other sources analyzed corresponded to the productions made by Rotary Brazil magazine and the work Rotary Brazil magazine and the work *Mulheres*, *suas histórias e trajetórias*, made by District 4480.

**Keywords:** Gender; Women's history; Philanthropy.

# LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Casa dos avós de Paul Harris em Wallingford, Nova Inglaterra	29
gem 2- Ilustração da narrativa de Maria Luiza Dionísio Gonça	61
Imagem 3- Ilustração da narrativa de Ângela Figueiredo Fulas	64

# LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

OMS- Organização Mundial de Saúde

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

RI- Rotary Club Internacional

# SUMÁRIO

Introdução	12
CAPÍTULO 1	
A formação do Corpus Ideológico do Rotary Club: representações do feminino e o	26
masculino na autobiografia do fundador Paul Harris	
1.1. A origem de um menino humilde: os valores biográficos de Paul Harris, o	29
paterno e o materno	
1.2.Os homens de Harris, caminho ao Rotary Club e exclusão das mulheres	42
1.3. Mulheres em clubes masculinos, as relações de gênero na prática clubista	49
CAPÍTULO 2	
A rotariana está aí: narrativas de mulheres no Rotary Club Brasileiro	52
2.1. Feminilidades e masculinidades nas relações de gênero rotárias	54
2.2. Senhoras de Rotarianos, suas histórias e trajetórias	63
2.3. Governadoras e presidentes, narrativas das lideranças de mulheres no Rotary	
Club	72
CAPÍTULO 3	80
Considerações Finais	
Fontes	84
Referências Bibliográficas	85

# INTRODUÇÃO

A construção de cada capítulo do presente trabalho foi pensada e repensada inúmeras vezes com o intuito de apresentar um material em diálogo com os conflitos e as situações debatidas na contemporaneidade. Por tratar-se de um trabalho historiográfico, procurou dialogar não apenas com o passado, mas com os sujeitos, as transformações sociais e de mentalidades, as culturas e os modos de agir dos indivíduos em seus espaços e em suas temporalidades.

Com o intuito de compreender as transformações sociais, foi necessário o entendimento dos sujeitos envolvidos na sociedade, dessa forma, se fez importante que a pesquisa se debruçasse na composição dos personagens e de que forma estes indivíduos se relacionaram em seus grupos de convívio ao ponto de influenciar e agir nos acontecimentos vividos por eles.

Tais acontecimentos não surgiram de forma súbita, são consequências de relações e de interações sociais do grupo que acabaram por promover vontades e anseios coletivos, estas identificações geralmente nascem em um grupo de pessoas comuns, em organizações de bairros, movimentos sociais, associações e são representados, na maioria das vezes, como maioria.

As práticas e as relações da admissão de mulheres rotarianas, em um clube majoritariamente masculino, representaram modos de agir e uma cultura própria, demonstraram a promoção de ideologias e ações políticas que, consequentemente, compuseram a história do clube. Este trabalho apresentou as trajetórias de algumas destas mulheres em um de seus inúmeros espaços de práticas e de interações, não ignorou o fato de suas memórias coexistiram em outras tantas esferas e grupos, mas procurou compreender suas intenções na participação de um clube filantrópico de forte impacto representativo, capaz de os qualificar como detentores de um poder social.

Por meio de suas narrativas e relatos biográficos, a intenção foi compreender a consolidação da representação feminina por parte de um clube de homens, partindo da análise das relações de gênero instituídas no processo de admissão de mulheres no clube e na consolidação dos ideais do Rotary Club, a nível internacional e latino americano, especificamente no período entre 1980 e 1990.

Sob uma perspectiva social, as mulheres rotarianas não foram consideradas marginalizadas devido ao recorte de classe e da influência da posição de privilégio na esfera pública. No entanto, a apresentação de suas narrativas compôs um quadro diferente para os estudos a respeito de mulheres ditas conservadoras e, principalmente, na interferência de suas feminilidades na consolidação de ideias dominantes.

O Rotary Club, associação de clubes de serviço, nasceu em fevereiro de 1905, na cidade de Chicago, Estado de Illinois, EUA, em um contexto de industrialização, modernização urbana e ampla diversificação étnica-cultural. Atualmente, o Rotary Club possui um quadro composto por 1.232.2621 rotarianos e 35.757 Rotary Club distribuídos em 217 países. Apenas em 1987 as mulheres começaram a ser admitidas na associação integrando um número de 273.489 rotarianas.

No Brasil, especificamente no ano de 1916, passou a existir o primeiro clube rotário, fundado no Rio de Janeiro. Atualmente o quadro de rotarianos corresponde a 53.869 pessoas, sendo 14.075 rotarianas atuando com o ideal de promover a paz mundial e harmonia social através do cooperativismo e filantropia.

A admissão das mulheres no Rotary Club passou a existir após decisão do Conselho de Legislação do Rotary Club, em 1989. Em 1970, em Duarte, na Califórnia, um clube rotário admitiu mulheres, violando as regras da legislação e causando o fechamento do clube, reativado apenas em 1986. Foi somente em 1989, após constantes tentativas, que a participação de mulheres como associadas passou a ser aceita, sendo o Rotary Club de Marin Sunrise, na Califórnia, o primeiro a integrar mulheres. No Brasil, a participação feminina nos clubes rotários iniciou com a "Associação de senhoras de Rotarianos" sendo a primeira criada em 1938, em Bauru – São Paulo.

No entanto, essa associação, assim como a Casa da Amizade da Família dos Rotarianos fundada em 1948, no Rio de Janeiro, foi apenas uma outra associação externa ao Rotary que era utilizada tanto como extensão do clube quanto como uma organização de caridade. Foi na década de 1990 o período em que as mulheres passaram a participar efetivamente como governadoras, presidentes e associadas do clube rotário.

Meu primeiro contato com o Rotary Club aconteceu por volta de 2011, quando experenciei convivência com o Interact, grupo de jovens rotarianos, em Pato Branco - Paraná. Pude perceber a influência do clube, especialmente nas relações de sociabilidade da juventude e de toda comunidade Pato branquense.

Me recordo de festas, comemorações, eventos de caridade e noticiários de jornais em que o Rotary Club fora mencionado constantemente, a memória mais marcante deste momento foi a percepção do envolvimento da família toda no clube e na sociedade, especialmente o número de mulheres rotarianas fora de cargos de liderança e engajadas em ações de cunho caritativo.

Além de visualizar o emblema do clube na entrada da maioria das cidades, meu segundo contato aconteceu na graduação em história, especialmente em um estágio realizado no centro de documentação e memória da Universidade Estadual do Centro Oeste (CEDOC/I).

Neste período de estagiária, fui responsabilizada em auxiliar na organização de um arquivo pessoal intitulado "Família Crissi", nesse arquivo constava a documentação referente à participação de Romeu Crissi e sua esposa Linda Crissi no Rotary Club na cidade de Irati-PR. Enquanto realizava minhas funções, simultaneamente estabeleci meu contato com as leituras da graduação e com o movimento feminista, desta forma, direcionei interesse a respeito das perspectivas das relações de gênero e história das mulheres.

As consequências de tais experiências contribuíram para que, ao ter contato com a documentação da Família Crissi, meu olhar enquanto pesquisadora estivesse direcionado a estes temas. Ao trabalhar a documentação, percebi que Romeu e Linda guardavam e retratavam documentos e visões diferentes a respeito da participação no clube, especialmente no que diz respeito às trajetórias de ambos, apresentando inúmeros fatores de gênero. O resultado deste estudo seguiu em meu trabalho de conclusão de curso intitulado *O ideal de servir: a representação das mulheres dentro do Rotary Club em Irati no ano de 1970.* <sup>1</sup>

Após defesa, a banca examinadora sugeriu uma análise que viesse a retratar o cotidiano e as histórias de vida de mulheres como Linda Crissi, especialmente em um clube tão influente e de caráter majoritariamente masculino. Foi considerado relevante a continuação do trabalho para além das representações, passando a incluir as narrativas destas mulheres.

A partir de então, o objetivo foi iniciar o levantamento de fontes de maior abrangência, partindo de entrevistas orais com rotarianas e rotarianos e no acervo de fotografias, boletins e revistas disponibilizadas nas plataformas do Rotary Club. Mesmo com a abundância do acervo do Rotary Club, a nível internacional e no Brasil, a documentação a respeito das mulheres foi escassa, no levantamento bibliográfico, especificamente, nos deparamos com a mesma dificuldade, passando a problematizar novas necessidades da historiografia feminista.

De acordo com Ana Paula Vosne Martins (2016), uma das hipóteses explicativas para o silêncio dessas produções existiu porque, nos finais da década de 1970, a maioria das produções historiográficas viabilizaram a postura crítica da nova história social e, portanto, da escrita sobre escravas libertas, trabalhadoras rurais, domésticas, mulheres pobres, entre outras categorias de mulheres marginalizadas. Em *Itinerários do associativismo feminino no Brasil: uma história do silêncio* (MARTINS, 2016), a historiadora defendeu uma revisão e atualização dos estudos

14

<sup>1</sup> SANTOS, Amanda Lamara Demetrio. **O ideal de servir: a representação das mulheres dentro do Rotary Club em Irati no ano de 1970**. Graduação em História. Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO- Irati -PR. 2017.

referente às práticas assistencialistas femininas por estarem sempre associadas aos seus conservadorismos.

A compreensão deste não lugar das mulheres filantropas nortearam um fundamento e justificativa para a escrita da história das rotarianas por considerar importante compreender seus protagonismos. Foi notável que apesar de terem ações autônomas em seus espaços, foram estigmatizadas como conservadoras ou com posturas limitadas a representações femininas. Tais estigmas impossibilitaram a abertura para um maior estudo sobre suas narrativas.

Outro questionamento partiu do porquê a mulher, dita conservadora, ser tão importante na legitimação de uma masculinidade do homem público. Não pudemos ignorar, que tal importância compreendeu uma rede de relações e de poderes presente na vida política. Passamos, então, a acrescentar aos estudos uma ótica possível de compreender a relação da construção das masculinidades, da prática filantropa e clubista de homens, dos objetivos do capitalismo social e das ações filantrópicas em um projeto de sociedade, tendo em vista o caminho para além de gênero. Logo, os estudos de História e regiões também contribuíram nesta ótica.

Tais estudos vieram a contribuir para o entendimento de como as relações e interações cotidianas destas mulheres delimitam suas identidades. Sob a perspectiva histórica, esse entendimento pode ser estudado por meio da análise das fontes e da contextualização do espaço e do tempo de tais interações. Esta perspectiva trabalhou a região como um espaço não necessariamente geográfico e físico, mas especialmente como um ambiente de constantes transformações, conflitos, diferenciações e disputas.

A região é, também, local de fabricação de modos e de cultura, não é estável nem homogênea. O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2008) defendeu que os estudos regionais não existem com o objetivo de limitar verdades, mas, sim, suas invenções. Em seu artigo *O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região*, o autor nos aproximou do pensamento de que uma região nasce do investimento e de algum desejo de poder, para ele, é necessário compreender quais são esses investimentos e desejos e de que forma eles fundamentam as identidades de grupos.

Nesse trabalho, portanto, o Rotary Club é compreendido como uma região na medida em que são tecidas as relações de gênero e as narrativas dos sujeitos comuns são compostas de inúmeros investimentos, poderes e fabricações. Esta região veio a manifestar o recorte espacial da pesquisa, sendo o Rotary Club como uma rede internacional de serviço à comunidade. A análise das narrativas e das representações de gênero vieram a contribuir para a compreensão da identidade de mulheres que, simultaneamente, interagiram com outras dentro da sociedade.

As relações de gênero foram exploradas na medida em que foram trabalhadas como relações de poder dentro do clube, apresentando os motivos que levaram a importância dos estudos das construções das masculinidades e das relações com o ideal de feminilidade presentes nas (inter)relações dos sujeitos existentes no grupo.

O cenário brasileiro em 2019 não foi propício tanto para a união das mulheres ditas conservadoras, quanto para as mulheres ligadas aos movimentos sociais, ao contrário, pudemos perceber um estado desenvolvendo ideais de feminilidade com a finalidade de um ataque massivo aos direitos conquistados por ambas as partes.

Ao apresentar o movimento feminista como uma ameaça aos filhos, ao lar, à religião e à família, a maioria das mulheres, ditas conservadoras, afastam-se de qualquer possibilidade de interação, mais do que nunca, passaram a considerar o movimento como uma falsa representação do que é ser mulher, uniram-se a partidos, associações e posicionamentos contrários e pelo fim das lutas feministas.

O movimento feminista, em defesa, sentiu-se traído por sua categoria, tendo em vista que todas as lutas, desde o movimento abolicionista e sufragista, reivindicaram o direito à todas as mulheres, independentemente de suas definições. Iniciou-se inúmeras manifestações em redes sociais e outros espaços de mulheres ditas conservadoras alegando que o feminismo não as representava e outras inúmeras manifestações, de cunho feminista, alegando que as mulheres apoiadoras ao retrocesso não mereciam ter sido incluídas nas conquistas de direitos durante a história.

Este trabalho procurou, de certa forma, compreender um grupo de mulheres ditas conservadoras e o que fizeram em seus espaços de autonomia frente aos homens. Seus posicionamentos políticos, mesmo que contraditórios aos movimentos sociais, acabaram por demonstrar processos de autonomia, devido as suas narrativas e ações estarem permeadas de impulsos táticos.

Estas mulheres, ditas conservadoras, não estiveram apenas em seus lares, cresceram e atuaram paralelamente em vários outros espaços. Algumas como pastoras, filantrópicas, líderes ou profissionais. Ignorar suas narrativas é não as compreender como sujeitos históricos na medida em que suas existências estão em constante contato com o mundo e os acontecimentos.

As representações destas mulheres foram pautadas na ideia da feminilidade como coadjuvante e suporte do gênero reconhecido como hegemônico. Consequentemente, acervos históricos qualificaram e guardaram documentos destas mulheres apenas como componentes

familiares e não como agentes construtores e modificadores do próprio meio, sendo dignas e motivadas a mais pesquisas.

Ao longo do desenvolvimento do presente trabalho, o objetivo foi entender quais foram os motivos facilitadores para que esta representação do papel coadjuvante das mulheres fosse consolidada, tendo como objeto o próprio clube, criado em 1905, na cidade de Chicago – EUA, composto, em maioria, por homens de ideais liberais.

Tais sujeitos organizaram serviços e planejamentos voltados à filantropia em áreas como educação, saúde e serviços aos grupos vulneráveis. Em seu histórico, é declarado que, apenas em 1911, a mulher foi incluída, no entanto, a finalidade esteve em existir uma parte feminina afim de suavizar e implementar a ideia de família ao clube.

Para compreender quais foram as circunstâncias que desencadearam o processo, foi necessário buscar por metodologias historiográficas que permitissem analisar de que forma estas representações foram constituídas. Portanto, teve como foco apresentar os estudos voltados para as questões sobre espaço/região, masculinidades e gênero. Tais estudos permearam suporte para a análise das fontes documentais e a visualização da representação da mulher no Rotary Club.

Relacionado às fontes históricas, foi possível captar que o conjunto de mulheres que compunham e compõem o Rotary Club não estiveram nem estão apenas com o objetivo de suavizar o ambiente dos *Bussiness Men*, com o toque de feminilidade como os boletins e discursos do Rotary Club divulgaram nas primeiras décadas de fundação dos clubes. Por meio das fontes, foi perceptível outras representações sobre estas mulheres a partir de suas próprias narrativas.

Foi na década de 1970 o período de maior movimentação das mulheres dentro do clube, sobretudo no sentido de reivindicar uma maior visibilidade e ação efetiva como sócias. No contexto de luta pelo espaço para as mulheres no clube, em paralelo aos movimentos sociais feministas que acabaram por influenciar diversas pautas, a luta por melhores condições de trabalho, a conquista da mulher no direito ao voto, na ocupação de cargos políticos, entre outros.

A nova posição das mulheres no clube entrou em conflito com os conservadores tradicionais, especialmente na continuidade dos séculos XVIII e XIX, em que o local definido para a atuação feminina esteve restrito ao ambiente familiar.

Um dos caminhos que as rotarianas percorreram foi a atribuição do discurso pautado no conservadorismo liberal, o discurso como característica do clube foi constituído especialmente durante seu processo de fundação, quando fomentado pela constituição de valores biográficos atribuídos à ideia do masculino e feminino do fundador Paul Harris.

No tempo presente, a última atualização de 2019, no *website* do Rotary Club Internacional, demonstrou que os rotarianos se autodeclaram como uma rede global de líderes comunitários promovendo e buscando a paz mundial por meio de projetos humanitários específicos sendo estes "A promoção a paz, o combate a doenças, fornecimento de água limpa e saneamento, cuidado da saúde de mães e filhos, apoio a educação e o favorecimento do desenvolvimento econômico" (ROTARY CLUB, 2019, p. 1). <sup>2</sup>

O caminho de ação para os projetos é viabilizado por meio da promoção à boa vontade e das boas relações entre líderes profissionais, empresariais e comunitários do mundo todo, sem distinções de gênero, raça, classe ou qualquer religiosidade.

A definição passou a existir a partir de uma longa trajetória na qual está a participação das reuniões e ações coletivas da associação junto à representatividade dos cargos sociais e políticos que passaram a fazer parte fundamental na identidade dos associados.

Em 1945, por exemplo, como aponta a arquiteta e urbanista Margareth da Silva Pereira (2007) o Rotary Club Internacional participou da redação da Carta das Nações Unidas e, em uma das convenções rotárias dedicadas à educação e intercâmbios culturais, foi criada a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

O conselho econômico e Social das Nações Unidas, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) passaram a possuir representantes rotarianos permitindo a intervenção e mediação direta na decisão das diretrizes políticas implementadas (PEREIRA, 2007).

O início aconteceu em 1905, assim, o primeiro Rotary Club nascido em Chicago, no estado de Illinois, foi constituído com o objetivo de reunir profissionais de diferentes setores para trocar informações e consolidar amizades como uma forma de adaptação a um espaço em processo de modernização e desenvolvimento.

Em 1921 o objetivo já havia atingido seis continentes, formando o Rotary Club Internacional, além de possibilitar a existência de um quadro de 35.000 Rotary Club, tornando-se uma das maiores e mais fortes organizações não governamentais atuantes no mundo (PEREIRA, 2007).

O contexto da consolidação do Rotary Club Internacional, apresentou cenários das transformações ocorridas entre o fim do século XIX e início do século XX. As cidades começarem

<sup>2</sup> Fonte: ROTARY CLUB. **Sobre o Rotary**, 2019. Disponível em <a href="https://www.rotary.org/pt/about-rotary">https://www.rotary.org/pt/about-rotary</a>, acesso em 24 de mar. 2020.

a expandir-se e a miséria e as más condições tornaram-se preocupação social e pauta para as instituições, organizações e comunidades.

Ambiente propício para que os homens de negócios começassem a se interessar por uma ajuda mútua, tendo em vista a necessidade de sobreviver em um local que, apesar de considerado hostil, se constituíam em um campo aberto para o crescimento profissional e interesses pessoais, influenciando países sul americanos.

Pereira (2007) auxiliou na visualização deste espaço devido a sua atenção para importância do Rotary Club na constituição das cidades em países da América Latina, seu olhar especial para o Brasil, no artigo *Localistas e cosmopolitas: a rede do Rotary Club Internacional e os primórdios do urbanismo no Brasil (1905-1935)*, procurou compreender de que forma a criação de uma educação urbana voltada para a formação de cidadãos teve impacto na formatação do espaço, atribuindo o cenário das primeiras cidades onde o clube foi fundado e, também, as características dos associados ao Rotary Club em meados do século XIX e XX.

O Rio de Janeiro foi palco do primeiro Rotary Club no Brasil, nascido em 1922. A iniciativa da fundação foi promovida por estrangeiros residentes na cidade, foi necessário o aumento o número de brasileiros no clube, como uma exigência do Rotary Club Internacional.

No entanto, em ambos espaços, Chicago e Rio de Janeiro, o quadro de sócios no processo de fundação não obteve a participação de mulheres sem a condição de parentesco. As associações femininas atreladas ao Rotary Club neste processo foram, apenas, extensões criadas com a finalidade de haver ambiente para as esposas e mães pertencentes a família.

Ainda pensando na constituição e formação de um espaço, surgiram dúvidas sobre os porquês do não protagonismo destas mulheres em um local onde o altruísmo, a bondade e a caridade, conceitos socio-historicamente representados como características femininas, fossem principais exigências.

Especialmente por ter existido uma aproximação com as ciências sociais e a geografia, o acesso ao conhecimento possibilitou a compreensão de espaço e, portanto, a noção das relações entre os sujeitos.

Um dos resultados da utilização desta perspectiva é que a utilização dos estudos de gênero não foi pensada de forma isolada ou como delimitação de uma história das mulheres ou de masculinidades, mas, sim, trabalhada como relações de poder.

Dessa forma, a proposta foi compreender as relações entre os gêneros como um dos meios de consolidação e delimitação de um espaço, ou seja, a partir destas relações foram instituídas

marcas, estabelecidas memórias coletivas e identitárias na solidificação das formas de ação e atuação do grupo.

Os primeiros estudos que consideraram o Rotary Club como um espaço de relação preponderante do poder hegemônico residiram nas ciências humanas, como citado anteriormente. As ações rotárias foram relacionadas a um tipo de associativismo voluntário que definidos como grupos dominantes atuaram e, ainda, atuam com objetivos específicos como na efetivação de um capitalismo social.

Os associados foram apresentados como detentores de capitais sociais e simbólicos, que dentro da lógica de uma sociedade moderna individualista, trabalharam com a finalidade da criação de um sujeito social (SETTON, 1996).

O pioneiro nesta representação do Rotary Club foi o filósofo e jornalista italiano Antônio Gramsci, em sua coleção de obras *Cadernos do Cárcere* (1932), a quais foram escritas durante seu período como prisioneiro político. Gramsci, ao criar o conceito de hegemonia, estabeleceu a noção de que como uma ideologia, nascida em um país em forte desenvolvimento, é capaz de se difundir em países menos desenvolvidos.

A religião, para ele, sempre foi uma forma de difusão destas ideias, no entanto, o autor defendeu que as organizações como o Rotary Club e a maçonaria estavam vindo a funcionar como um partido político internacional, pois atuaram diretamente na sociedade civil inspirando concepções de mundo e de desenvolvimento social (GRAMSCI, 1932).

Sob essa perspectiva, a consolidação do Rotary Club no Brasil, ou mesmo os rotarianos latino americanos, não foram acontecimentos do acaso. Na década de 1930 com o plano do governo Vargas e, posteriormente, durante a ditadura militar, existiram intenções específicas partindo do clube, incluindo posicionamentos políticos e planos de ação.

A educadora Águeda Bernadete Bittencourt, em sua tese *Comunhão leiga: o Rotary Club no brasil* (BITTENCOURT, 1991), abordou, inclusive, aspectos fundamentais que contextualizaram o clube sócio historicamente, especialmente tratando-se das formas de autoorganização e da atuação do clube no Brasil, tendo como base o Rotary Club de São Paulo.

O contexto apresentou o Rotary Club e suas relações com a igreja como utilidade interlocutora e porta voz internacional dos estadistas, bem como o ressalto feito por intelectuais do aspecto político não declarado do clube, quanto a sua posição política. Por delimitar os Rotary Clubes como espaços de serviço de forte capacidade de mediação entre estas esferas, a autora os definiu como clubes de pressão (UHLE, 1993).

No mesmo período a socióloga Maria da Graça Jacintho Setton (1996) problematizou a teoria de Águeda Bernadete Bittencourt por considerar importante uma análise mais abrangente referente ao clube, enfatizou a importância de não padronizar a associação, pois, apesar de ser um espaço onde o poder é predominante, ainda, assim, foi composto por indivíduos diferentes uns dos outros, com diferentes trajetórias, estilos de vida, discursos e ideologias (SETTON, 1996).

O historiador Renato Santos Lacerda (2007), devido a sua abordagem histórica, considerou importante identificar de que forma as concepções de mundo do Rotary Club Internacional foram desenvolvidas ao ponto de ser considerada por Gramsci (1932) uma instituição eminentemente ideológica.

O autor apresentou algumas dessas visões formuladas pelo filósofo: *saint-simonismo*, pragmatismo e comunitarismo, sendo tal matriz ideológica capaz de penetrar em países menos desenvolvidos. Sob a perspectiva de Renato Lacerda (2007), o Rotary Club Internacional pôde ser um canal capaz de difundir ideologias norte-americanas em países como os da América Latina.<sup>3</sup>

Todas as produções consideradas relevantes para o estudo do processo de inserção das mulheres no clube foram úteis na medida em que auxiliaram o caminho para as fontes ou quando apresentaram certos panoramas gerais sobre a organização em termos de debate.

No entanto, apesar de que Setton (1996) tenha problematizado a importância de maiores estudos das diferenças e características dos sujeitos envolvidos na organização por parte das ciências sociais, não existiu, até o tempo presente, produções posteriores à publicação de Renato Lacerda, lançada em 2007 no campo da História, especialmente sob a perspectiva de gênero.

Quaisquer publicações sobre a história do clube ou da participação e inserção das mulheres no Rotary Club, foram produções realizadas por parte dos próprios associados, não partindo, fundamentalmente, de uma abordagem histórica.

Partindo dessa premissa, a compreensão sobre a inserção das mulheres no Rotary Club, até então, poderia ter tido maior diálogo com o que foi escrito e proposto por Setton (1996), tendo em vista a ênfase dada, por parte da autora, no trabalho com os sujeitos. Outro diálogo foi a proposta de abordagem História e regiões, na qual apresenta como definição a importância da noção da

21

<sup>3</sup> O autor se ocupou em se aprofundar na relação de *Saint-Simon* com o rotarianismo e, com isso, procurou compreender as ideias do francês e seus elogios ao trabalho produtivo e as duras críticas à organização da sociedade industrial do século XIX. Com o enaltecimento da ideia de progresso, *Saint-Simon* defendeu a moral fundamentada na ideia de *fraternidade universal*, postura intelectual similar aos fundamentos dos fundadores do clube (LACERDA, 2007).

multiplicidade das relações e dos sujeitos e da forte influência destes elementos para a compreensão de uma região e espaço no tempo histórico.

Sob a perspectiva das diferenças entre os indivíduos e a composição e influência de suas trajetórias e identidades, tornou-se relevante a compreensão das relações entre os gêneros e o entendimento das formas como as feminilidades e masculinidades se constituíram intercaladas com as características e ideais de grupo e das memórias coletivas.

O historiador Albuquerque Junior, em *O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região* (2008), defendeu que a formação de que uma região deve ser historicizada, ou seja, na prática historiográfica, ao se utilizar o conceito, não devemos nos restringir a apenas fazer uso dele para delimitar espaços, é necessário pensar as formas como esses lugares passaram a se tornar uma região (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008).

Com base nessa perspectiva, a pesquisa deve ser embasada em uma análise para que, só então, seja prudente de se compreender as formas que as multiplicidades e identidades foram fabricadas, as causas que as colocaram em conflitos e habilitaram fronteiras, desafiando os historiadores na arte de compreender a trajetória daquele espaço, região.

Pode-se dizer que o emprego do conceito de regiões, como abordagem na pesquisa histórica, passou a ser usado especialmente como reflexo da nova história social. Esta abordagem, que foi engajada pelo processo de movimentação conhecido como guinada crítica na França dos anos de 1980 e 1990, foi consequência das insatisfações dos intelectuais e pensadores frente a uma postura Positiva Metodológica da História Social.

Pierre Bourdieu, em 1989, ao publicar *O poder simbólico*, apresentou a proposta de compreender os estudos dos sistemas simbólicos e os meios de estruturação e legitimação de um poder dominante em relação às categorias subalternas. Para o sociólogo, o estudo das trajetórias dos sujeitos envolvidos pode vir a trazer suas particularidades e suas produções de práticas dando sentido ao estudo da formação e definição de determinada região.

Aqui, o entendimento de poder é como algo simbólico e invisível, no entanto, é estrutural. É a partir dos sistemas simbólicos (arte, religião e cultura) que uma dominação se sobressai a outra. Bourdieu defende que o poder é legitimado por meio de uma violência simbólica na qual os autores manifestam sua dominação.

A ideia do *corpus* ideológico do Rotary Club Internacional pôde ser delimitada por esta perspectiva, na medida em que a ideia de progresso e desenvolvimento social desenvolveu as características do clube como detentores de capital social e simbólico. A noção de que o Rotary

Club comportou este tipo de poder detém da caracterização dos indivíduos e de suas práticas, especialmente por serem considerados grupos de elite.

Todavia, partindo dos estudos de regiões, foi importante compreender se esta perspectiva foi equivalente à forma como os sujeitos vivenciaram e vivenciam seu próprio cotidiano, especialmente em suas diferenciações, disputas e modos de agir.

A provocação que o historiador Michel de Certeau fez em *A invenção do cotidiano* (1998) causou a reflexão sobre a urgência do estudo dos indivíduos em seu dia-dia, dentro de um espaço tempo. No entanto, são as interações sociais que, junto às práticas, ajudam a entender o espaço e não necessariamente o inverso.

A principal diferença entre Certeau (1980) e Bourdieu (1990) é que a proposta de Certeau apresentou uma perspectiva não estrutural, portanto, sua preocupação em estudar a massa como sujeitos históricos acabou por contribuir para os estudos dos grupos marginalizados e da cultura popular, consequentemente foi o que acabou por justificar a busca da compreensão da admissão das mulheres.

Joan Scott e sua atenção para a importância dos estudos de gênero como categoria útil de análise histórica (1990), tornou capaz de intercalar a ideia de Certeau (1998) com as interações sociais. A importância das relações de gênero em determinado espaço e tempo nada mais são que, também, essas interações cotidianas estabelecidas de diversas formas simbólicas ou legitimadas, conflituosas ou pacíficas, estabelecendo ou excluindo fronteiras.

São exatamente essas interações sociais capazes de mostrar os *modus operandi*, diferenciando homens e mulheres dentro de suas relações de convívio.

A ênfase de Certeau (1998) em analisar a relação e a fabricação dos sujeitos ordinários em consequência da atuação de um poder dominante, trabalhou com a perspectiva de que são os consumidores que atuam cotidianamente por meio de práticas como, por exemplo, vestir, cozinhar e comunicar com a intenção de agir e jogar com aqueles que detém o poder.

Em uma situação de interação entre dois gêneros na qual um é considerado dominante e influente e o outro dominado e passivo, é no cotidiano a possibilidade de analisar em que representações e ações o jogo acontece.

O jogo funciona basicamente com ações e reações, aqueles que detém o poder o legitimam por meio da elaboração de estratégias e, aqueles que recebem a informação produzida e estratégica podem, ou não, reagir de diversas formas táticas. Estas táticas, nada mais são do que reações que um grupo pode, ao fabricar, expressar e ressignificar, suas próprias identidades. As táticas, necessitam de ocasiões, são instáveis, diversas e inexatas (CERTEAU,1998).

Foi interessante perceber o quanto a consolidação de um *corpus* ideológico estabeleceu um *modus operandi* no funcionamento e estruturação do grupo. A diferença é que, tanto no caso internacional quanto nacional, tratando-se do grupo das mulheres, suas narrativas e discursos de vida demonstraram uma reação tática.

Certeau (1998) exemplificou a noção do poder por meio da obra *Vigiar e punir*, de Michel Foucault (1992). Para o autor, um poder para ser dominante necessita de dispositivos que o auxiliem, estes dispositivos atuam na sociedade por meio de ações microscópicas de dominação e de estratégias, partilhando interesses em comum em um trabalho mútuo.

De forma geral, este estudo está dividido em dois capítulos mais a conclusão, sendo que, no capítulo 1, *A Formação do Corpus Ideológico do Rotary Club: representações do feminino e o masculino na autobiografia do fundador Paul Harris*, apresenta-se as primeiras manifestações da constituição destes ideais que acabaram por desenvolver as estratégias de dominação e de expansão do Rotary Club.

Neste capítulo, apreendesse que o *corpus* ideológico do Rotary Club foi desenvolvido a partir dos interesses de um homem cujo ideais do século XIX ainda residiam em sua identidade, questionando e procurando se adaptar a uma sociedade moderna e conturbada.

O tópico apresentou, ainda, as narrativas da autobiografia do fundador que, junto as percepções de mundo, consolidaram, também, seus ideais do feminino e masculino na medida em que tinha como objetivo observar as relações dos homens em sociedade e frente à sociedade, levando a procurar por outros homens que desenvolviam as mesmas inquietações.

Além disto, o capítulo apresentou o cenário em que o clube foi fundado, sendo este um espaço de desenvolvimento de um capitalismo desenfreado, composto por inúmeras masculinidades e feminilidades em disputa. Pudemos visualizar a conjuntura da formação de clubes de serviço e, especialmente, os espaços que as mulheres ocupavam e o motivo de não serem contabilizadas como associadas em clubes durante o período.

No capítulo 2, o qual se foi nomeado de *A rotariana está aí: narrativas de mulheres no Rotary Club Brasileiro*, apresenta-se o processo de admissão efetiva das mulheres, o qual passou a tornar corpo quando passaram a ser apresentadas sob a perspectiva de suas próprias narrativas. Se anteriormente apresentamos o contexto que possibilitou a não participação no clube, neste capítulo desenvolvemos suas trajetórias enquanto rotarianas, mesmo, ainda, sob a condição de esposas nas associações de senhoras de rotarianos.

O capítulo procurou analisar as narrativas relacionando com imagem que as rotarianas possuíam sobre si mesmas e sobre o coletivo, sendo, este, o Rotary Club como um todo e, também,

a ideia do coletivo feminino. Com isto, ponderamos a imagem que estas mulheres possuem enquanto rotarianas, esposas, mães e mulheres de negócios.

Além disso, este neste comento do texto, foi discutido as representações das feminilidades e masculinidades enquanto componentes das relações entre os gêneros, problematizando as conjunturas que engendram tais representações, especialmente na medida em que é necessário apresentar suas próprias experiências.

Por fim, nas considerações finais temos a possibilidade de visualização de todo o trajeto desta pesquisa, expressando as motivações e desafios, especialmente os caminhos possíveis de serem alcançados. A verdade é que este trabalho apresenta parte de um grande emaranhado de relações e práticas, de conflitos e fronteiras, de inúmeras manifestações de estratégias e táticas.

Ainda que tenha possibilitado parte de um processo, o de admissão das mulheres no clube, pudemos enxergar, sem dúvidas, que as mulheres modificam o meio, sejam elas consideradas coadjuvantes ou protagonistas.

### CAPÍTULO 1

# A formação do *Corpu*s Ideológico do Rotary Club: representações do feminino e o masculino na autobiografia do fundador Paul Harris

A autobiografia *My Road to Rotary* (1945), escrita por Paul Harris, apresentou os sentimentos cravados em sua história de vida que o instigaram a fundar o clube, e é de se pensar que a autoimagem e percepções de mundo, desencadeadoras da identidade do advogado, foram algumas destas vertentes que fundamentaram o *corpus* ideológico da organização, o que veio especialmente a caracterizar o critério de exclusividade masculina existente nas primeiras décadas do Rotary Club.

A personificação da imagem de Paul Harris para os rotarianos foi constituída, sobretudo, por meio da repercussão da sua autobiografia publicada em 1945. A obra desencadeou, no meio rotário, o processo de iniciativa na valorização de levantamentos documentais e na criação de acervos históricos que a história de vida de Harris pudesse ser imortalizada, especialmente após seu falecimento, dois anos depois, em Beverily, Chicago - EUA.

No desencadear do processo de configuração histórica de grupo, algumas características da identidade do fundador foram enaltecidas, entre elas se caracterizaram o altruísmo, os valores familiares conservadores e o espírito fraterno. No desencadear da pesquisa sobre o material que correspondeu à análise da sua autobiografia, procuramos nos ocupar em compreender de que forma essas características se constituíram em um arquétipo de caracterização do grupo.

Partindo da utilização da perspectiva sócio-histórica Bakhtiniana sobre a linguagem, a análise se ocupou em identificar a relação da narrativa do sujeito pautada na ideia de autor/herói e da constituição de gêneros discursivos de Paul Harris através de suas manifestações estabelecidas em uma personalidade pacífica, influenciada pelas características das masculinidades hegemônicas situadas em um espaço norte-americano.

Nesta análise algumas questões fundamentais foram desencadeadas e discutidas, entre elas estão como a história de vida de Paul Harris se constituiu como vertente fundamental em uma identificação coletiva? De que forma seus valores se entrelaçaram com as ideias do feminino e masculino, impedindo a entrada e aceitação de mulheres no clube?

Para responder tais questões, foi de fundamental importância o trabalho com a fonte, tendo em vista que as produções de análise autobiográficas devem partir de uma contextualização sóciohistórica estipulada por uma intermediação de pesquisador e objeto, da linguagem do autor e personagem, entre outras atenções específicas de acordo com a tipologia da fonte.

Com isto, surgiu uma vertente abundante de informações e de representações em uma única obra, tendo a criação autobiográfica como a formatação discursiva de uma ideologia. Sua análise veio a representar inúmeras intenções e pressupostos do autor, que impossível de existir sem a plateia expectadora do outro, apresentou, também, o outro, o grupo, os pensamentos, as práticas, as ideias, o espaço coletivo, em um sentido dialógico.

Analisar a produção autobiográfica de Paul Harris foi, além disso, compreender as alterações da sociedade moderna do século XX, as modificações vinculadas aos processos de mudanças estruturais como o êxodo rural na nova Inglaterra, a vida cotidiana dos fazendeiros em Wallingford - na Nova Inglaterra no estado de Vermont, Estados Unidos -; a sociabilidade entre comerciantes e produtores locais, a valorização dos valores morais e conservadores da época presente nas relações familiares, o campo, a cidade, a importância dada aos profissionalização e ao pensamento econômico liberal, entre tantos outros elementos constituintes do um cenário individual e coletivo em que Paul Harris esteve atribuído.

De acordo com a historiadora Lígia Maria Leite Pereira, em *Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias* (2000), tem existido, nos últimos anos, um certo tipo de entusiasmo na utilização de trajetórias individuais em suas várias modalidades na área de ciências humanas. A autora retratou, basicamente, a importância da discussão sobre o emprego destas fontes, especialmente por terem sido constantemente reavaliadas devido aos movimentos metodológicos, como a importância da história oral, por exemplo (PEREIRA, 2000).

Há distinções pertinentes no gênero biográfico, autobiográfico e das histórias de vida, no caso de existir uma abundância de fontes que possam possibilitar a pesquisa, deve-se ter cuidado na dedicação e intermediação do pesquisador. No caso do uso das autobiografias, tratando-se das trajetórias individuais, seu uso é pertinente para a compreensão de acontecimentos ou tempos históricos (PEREIRA, 2000).

A intermediação do pesquisador faz-se existente no apresentar para além dos fragmentos autobiográficos do sujeito, mas na relação com a história social, os grupos a que pertenceram e suas intenções e os contextos em que a autobiografia foi publicada ou divulgada.

Os distritos do *Rotary Club's* no mundo constituíram a narrativa da sua história pautada especialmente na vida de Paul Harris, estas narrativas possuíram como base a autobiografia e os acervos documentais do advogado, sendo de livre pesquisa e divulgação aos associados disponíveis para realizar a consulta em Chicago-EUA- e plataformas digitais para pesquisadores de todo o mundo.

Além disso, retomamos a influência da relação biográfica de um indivíduo político frente a uma psicologia das massas (BOTTON, 2017) e passamos a visualizar a que ideia, ou qual tipo de personalidade foi estabelecida pelos rotarianos. Tendo em vista que a escolha se direcionou a Paul Harris, foi necessário compreender de que forma aconteceu o enaltecimento das características da sua personalidade baseando-se em sua autobiografia.

De acordo com a lógica Bakhtiniana, para um sujeito existir em determinado espaço, isto é, deter-se de poder e influência legítima, é necessário que ele seja notado pelo outro. É então que o valor biográfico se torna um fazer biográfico, cujo objetivo reside na glorificação e a exaltação do eu, partindo de um constante diálogo com a esfera que o exterioriza. Em *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2010) é possível visualizar, a partir de Bakhtin, o autor com uma nova responsabilidade, a de apresentar o herói por si só, compreendendo que parte dele sua própria criação estética e personificação.

Quando o autor se apresenta a partir de enunciados e discursos, acaba por fabricar ou dar sentido a um conjunto de signos, que nada mais são do que as múltiplas interações de um determinado grupo, estando este grupo sempre coexistindo em detrimento de uma participação sócio-histórica. Podemos pensar o *corpus ideológico* do Rotary Club como ideologias que por meio dos signos de grupo organizam, regulam, reproduzem, expressam e/ou subvertem as relações históricas materiais dos indivíduos (SEVERO, 2008, p. 48).

Ainda assim, esta fabricação de enunciados não deixa de ser singular, mesmo que esteja em um emaranhado de outros enunciados, a principal diferença reside no momento que o enunciado pode ser utilizado com intenções e objetivos específicos, o que acaba por marcar uma expressividade em seu discurso. A partir do momento que um sujeito possuí objetivos, seus enunciados acabam por transfigurar uma entonação digna de um grupo social, pode-se dizer que o domínio dos gêneros discursivos abre portas, com isso, gênero e inserção social estão diretamente correlacionados (SEVERO, 2008).

Com a análise dos enunciados desenvolvidos por Paul Harris, por meio de um gênero discursivo biográfico, pudemos identificar algumas formas de se pronunciar o qualificaram com certas qualidades.

No decorrer da análise, podemos visualizar que as qualidades se caracterizaram em carisma, altruísmo, afetividade, amizade todas pautadas especialmente no reflexo de valores tradicionais adquiridos no decorrer da vida e que resultaram no ideal de servir e pacifismo, principais eixos norteadores do Rotary Club. Ainda assim, estas qualidades foram atribuídas ao masculino, tendo em vista que Paul Harris foi designado e representado como líder.

Desta forma, o presente capítulo abordou quais foram as representações de masculino e feminino que Paul Harris desenvolveu em sua infância partindo da ideia do paterno e do materno, funções atribuídas aos seus avós, os quais foram responsáveis por sua criação em Wallingford.

Foi desenvolvido, também, uma análise do processo em que o clube foi fundado e quais fatores relacionado as representações de gênero, a partir da formação da ementa e regras do clube, vieram no início a ter uma exclusividade feminina, esta primeira fase do clube influenciou diretamente no fato da admissão das mulheres, existindo apenas em 1989, onde iniciamos o recorte da pesquisa.

# 1.1 A origem de um menino humilde: os *valores biográficos* de Paul Harris, o paterno e o materno

Paul Harris nasceu em 19 de abril de 1868 em Racine, Wisconsin, nos EUA. Sua autobiografia, escrita em 1948, se inicia com as memórias construídas a partir da infância, momento em que foi morar com os avós paternos na cidade de Wallingford, no estado de Vermont, Estados Unidos.

Em uma sequência cronológica, a configuração da sua autobiografia foi dividida em quarenta e dois capítulos, nos quais Harris estabeleceu títulos para os momentos considerados marcantes de sua vida, que os induziram ao momento de fundação do clube.

Contardo Calligaris (1997) compreende essa produção autobiográfica como uma fabricação, suas intenções tem seu início na forma como a obra foi devidamente estruturada, esta divisão de títulos, estipulada por Paul Harris, pôde trazer, não só seus objetivos, mas, especialmente, uma triagem pessoal daquilo que considerou pertinente.

Em suma, os capítulos apresentaram memórias da infância, adolescência, juventude e sua idade adulta, até o momento em que passou a residir em Chicago, instante esse que se voltou a procurar por uma rede de amizade no mundo dos negócios.

A tradução da autobiografia no Brasil foi realizada por Olavo Alberto de Carvalho. Respeitado por sua posição intelectual no Rotary Club, o prefácio da obra foi escrito por Paulo Viriato C. Costa. O rotariano, além de ter evidenciado o mérito do tradutor, apresentou, também, a importância da leitura para os rotarianos por tratar-se de um ideal:

É isto, sim, a saga de um Ideal. É a gênese de uma personalidade genial num menino humilde. É a glorificação de um ambiente familiar simples, modesto, organizado à base do bom senso, da afetividade, da ternura e localizado numa pequena comunidade, em contato com a Natureza. [...] a sensibilidade exaltada do menino, ainda presente no homem idoso, projeta sobre as pessoas, diferentes entre si, que ali vivem em harmonia, respeito mútuo e solidariedade. [...] da ordem, como geradora de fortaleza da família e do trabalho honesto, como vínculo da estima recíproca entre os homens (HARRIS, 1945, p. 119).

Partimos, no decorrer da análise, pautados no objetivo de identificar nos enunciados características que atribuíram os adjetivos de Paul Harris, caracterizados como discurso do próprio autor como valores.

A partir de então, foi perceptível que seus valores foram desenvolvidos, principalmente, por meio de uma inspiração e reflexo do modo de vida dos seus avós, tendo em vista que Harris recorreu às memórias de ambos em diferentes momentos da sua escrita:

Os seus ideais passaram-se para mim de maneira tão suave e gradual que, nem eles nem eu, pudemos ter consciência disso. Eu apenas começara a cultuar aqueles ideais, mas eles já estavam ali, presentes. Os princípios de vida dos meus avós eram cristalinos. Eram mais nítidos e palpáveis do que se estivessem gravados em letras gigantescas, nas paredes graníticas da majestosa "White Rocks", as palavras: integridade, frugalidade, tolerância e altruísmo. [...] Eu sentia remorsos por não estar no meu trabalho. Havia tanto que fazer e tão pouco tempo para fazê-lo e eu ali inativo. De repente, porém, surgiu me na consciência o pensamento que os homens tinham o direito de sonhar (HARRIS, 1984, p. 120).

Nos capítulos *No vale*, *O meu Lar*, *O nosso Sítio* e o *Sr. Wynne e Nossa casa de 14 cômodos*, Paul Harris (1984) se ocupou em transcrever uma narrativa descritiva a respeito da casa e do cotidiano que seus avós viveram. Em sua narrativa pudemos identificar uma descrição precisa de afetos relacionados a uma vida no campo e, especialmente, na relação afetiva compartilhada com seus avós.

A importância que Paul Harris deu aos seus momentos da infância, existiu nas experiências vividas no cotidiano baseado em uma vida rural, simples, de valores tradicionais e relações

equilibradas. De acordo com Harris, foram essas as primeiras inspirações para germinar o que hoje defende o Rotary:

Quem escreve este livro tem razões especiais para ser grato ao que lhe veio da meninice. A pureza da vida rural, às bênçãos dos lares bem formados da Nova Inglaterra, à importância da educação e à devoção aos altos ideais (HARRIS, 1984 p. 120).

No vale onde vivi a minha infância foi que brotou a semente do Rotary [...] Mas a névoa dos anos, que separa aquele menino do homem que sou hoje, não pôde modificar a personalidade que se formou. Naturalmente, no homem de hoje ainda vive o menino daquela época (Harris, 1984, p. 119).

A casa que Paul Harris (1984) descreveu no capítulo *Nossa casa de 14 cômodos*, logo no seu início, retratou detalhes de uma vida burguesa no campo, a alusão aos usos domésticos e aos cuidados realizados por sua família foram enaltecidos. É na casa onde pudemos visualizar a força representativa do ambiente como um espaço saudável digno de geração de valores e da representação da feminilidade no espaço privado:

A casa toda espelhava cuidado e ordem doméstica. [...] São as pequenas mostras de dignidade e ordem que o tempo não apaga da memória de quem as viveu. As casas, mesmo as mais solidamente construídas, podem ser destruídas pela tempestade, pelas enchentes ou pelo fogo mas as recordações dos lares onde impera o amor são imperecíveis Quando a gente recorda o distante passado, muito do que pareceu importante se desvanece na insignificância, enquanto que pequeninas coisas ressurgem, dominantes, a ponto de superar, na consciência, tudo o mais, em importância. Sacrifício, devoção, honra, verdade, sinceridade, amor são virtudes candentes das antigas famílias bem formadas (HARRIS, 1984, p.14).



Imagem 1: Casa dos avós de Paul Harris em Wallingford, Nova Inglaterra

Fonte: Harris (1984, p. 14).

A importância da representação da família e do lar no século XIX foi um reflexo das transformações promovidas no período pós revolução francesa. De acordo com Michelle Perrot, no texto *A família triunfante* (2009), o ambiente familiar foi palco de um cenário em que as relações familiares passaram a servir como uma célula base de funcionamento da nova lógica estrutural da sociedade, em "que o doméstico constitui uma instância reguladora fundamental e desempenha o papel do deus oculto" (PERROT, 2009, p. 80).

A casa, ambiente reflexo da moralidade buscada durante o século XIX, deveria incumbir a tradução das boas relações dos residentes, uma boa relação poderia ser pautada na divisão entre os trabalhos, realizada, principalmente, pelos fazeres do homem e da mulher:

As visões de Hannah More, enunciadas num mundo idealizado e civilizado, tinham assumido a forma de residências burguesas. O compromisso religioso de criar um novo modo de vida, que possibilitava um cuidado constante com a vida espiritual e exigia que os membros da casa fossem praticantes, encontrou sua concretização material na progressiva separação e demarcação dos trabalhos masculino e feminino (HALL, 2009, p.63).

Na descrição da casa, Paul Harris realizou uma narrativa afetiva e descritiva, denominando as funções de cada cômodo e, especialmente, a divisão do trabalho que era necessária para o cuidado da dela. No enunciado, Harris enfatizou a importância do trabalho realizado por sua avó descrevendo todas as suas ações, para ele, a cozinha e as despensas, ambiente em que ela passava maior parte do tempo, foram definidas como o coração da casa, demonstrando que, para o funcionamento de todas as atividades, o local e o trabalho da sua avó foram essenciais:

A cozinha de vovó funcionava como um relógio. Como um motor bem regulado; como o coração de um ser humano. Ali era gerada a energia que controlava os afazeres domésticos. Era o centro, o cérebro da atividade e da vida da família. Segunda-feira era um dia especialmente agitado. Todo o mecanismo doméstico entrava em atividade. Até vovô entrava na dança. Cabia-lhe conservar o fogo na intensidade própria, queimando lenha branca, de combustão rápida e alto poder calorífico (HARRIS, 1984, p. 9).

O ambiente familiar precisava ser organizado, os lugares do estado e da sociedade que deveriam tangenciar o lugar do indivíduo e do coletivo estavam desnorteados, apesar de que as ideias da Revolução Francesa vinham a procurar uma quebra entre as esferas público e privado, houve uma tendência em que *os* "costumes" se mostravam mais fortes do que a lei (PERROT, 2009).

A família se tornou a base essencial na organização dessas esferas, e a vida privada, onde os costumes poderiam aparecer com maior destaque, passou, também, a ser vítima do alvo dos

interesses políticos. As funções de cada indivíduo no âmbito familiar se tornaram essenciais, considerado periférico qualquer outro que se colocasse ou se retirar de tão nobre espaço.

O interessante a respeito da família de Paul Harris é que a configuração familiar, vinculada aos seus avós como genitores, teria sido diferente caso não houvesse existido a separação de seus pais George Harris e Cornélia Bryan. Este fator da sua infância é retomado constantemente em sua narrativa:

Fatores econômicos determinaram a divisão da nossa família. Em outras palavras, papai havia fracassado nos negócios e trazia-nos, os filhos homens ao refúgio da sua casa paterna, como era uso na época e ainda, é, nos períodos de extrema dificuldade [...]. Meu pai recebera do econômico cidadão da Nova Inglaterra, meu avô Harris uma "drug-store" e uma casa. A excessiva tolerância do meu avô fizera do meu pai um homem incapaz de equilíbrio financeiro. Tendo tido começo tão fácil pareceu-lhe que o mundo jamais lhe exigiria trabalho e esforço. No começo as coisas foram bem mas, como a gerência do estabelecimento era falha, meu avô aconselhou o a liquidar o negócio e estabelecer-se em novas bases e mais próximo de Wallingford, onde fosse possível a sua assessoria na contabilidade (HARRIS, 1984, p. 9).

Logo, Harris estabeleceu uma imagem daquilo que, para ele, se atribuiu à ideia de família, as representações maternas e paternas, os valores tradicionais e os componentes necessários para uma infância saudável foram, de acordo com o autor, presentes em sua vida. No entanto, a escrita de si apresentou memórias remendadas, tendo em vista ser um espaço onde o narrador, ao narrar a própria vida, encaminha o que melhor lhe pareceu e detém, também, o controle dos meios possíveis de registrar seus acontecimentos (PEREIRA, 2000).

Pôde-se dizer que a produção da autobiografia é um olhar retrospectivo, é o homem do presente vendo sua infância sobre o prisma de suas atuais referências. O homem e a mulher, para Paul Harris, precisavam ocupar este lugar no lar, estabelecendo uma harmonia e tendo as funções de cada um divididas e limitadas.

Todos os eventos acima, ao contrário do que meus parentes julgaram, mesmo incluindo a liquidação do estabelecimento do meu pai, foram extremamente benéficas para nós, os dois meninos. Cecil teve benefícios temporários e eu ganhei um lar bem equilibrado, permanente, caloroso, onde tudo era ordem e se respiravam altos ideais; onde a educação era considerada o benefício supremo [...] Deve ter havido muita agitação e, mesmo, choro quando se rompeu a nossa família em Racine. É sempre lamentável a dissolução de uma família, mesmo que a decepção não alcance as proporções de um fracasso total. No nosso caso, fez-se tudo o que era possível por meus pais e, mesmo assim, eles fracassaram. O futuro não prometia nada. O único recurso foi contar com a acolhida e proteção dos meus avós Harris. Deve ter sido profundamente humilhante para meu pai o voltar à sua aldeia, vencido e desesperançado (HARRIS, 1984, p. 9).

Bakthin (2010) avaliou o processo discursivo como a constituição de valores biográficos, em que a glorificação e a exaltação do eu estabelece-se na constituição de uma narrativa heroica.

A fabricação de uma estética frente ao discurso vem a tensionar uma visão artística do outro e de si mesmo sobre a história de vida.

Paul Harris (1984) necessitou constituir uma narrativa que o retirasse da esfera construída socialmente sobre a separação de seus pais, o insucesso financeiro e o fato de ter sido criado aos bons costumes dos seus avós, atribuir essa superação para si, foi uma forma de constituir uma outra consciência sobre o que poderia ser dito ao seu respeito:

O valor biográfico pode ser o princípio organizador da narrativa que conta a vida do outro, mas também pode ser o princípio organizador do que eu mesmo tiver vivido, da narrativa que conta minha própria vida e pode dar forma à consciência, à visão, ao discurso, que terei sobre minha própria vida [...] os valores biográficos são valores comuns compartilhados pela vida e a arte; em outras palavras eles podem determinar os atos práticos e a suas finalidades; são as formas e os valores de uma *estética* da vida (BAKTHIN, 2010, p.166).

Suas memórias foram constituídas de sentimentos de superação e glorificação por ter sido privilegiado com o acolhimento dos seus avós em um refúgio da vida, desorientada e desestruturada dos seus pais, além da representação dos valores da família, foi, também, nas memórias de infância o espaço onde Harris demonstrou as representações sobre a masculinidade e feminilidade, capazes de orientar sua filosofia de vida, especialmente quando sob a ótica de seus avós.

Pudemos dividir essas percepções através da análise dos capítulos, os quais são *Tipos Inesquecíveis*, *Atividades eclesiásticas* e *As peculiaridades dos meus pais*. Nesses capítulos, Harris retratou cenários de um cotidiano masculino e feminino, em que foram comuns cenas de uma vida oitocentista, onde o espaço público residiu como local dos homens e a vida privada como local feminino.

Iniciando com os homens da sua família, em toda a narrativa a respeito do seu pai George Harris, existiu ênfase nas características relacionadas ao fracasso, destreza, incapacidade, salvo às raras menções de outros adjetivos pertinentes às aventuras, senso de humor e senso político.

A representação de George Harris foi de uma evidente comparação com a integridade e inteligência de seu avô Harold Harris, a quem recorreu maior enaltecimento de virilidade. As observações de Paul Harris, quando recorre às recordações de George Harris, demonstraram que, para ele, seu pai angustiava remorso por não se consolidar como um patriarca, o caracterizando como confuso e volátil:

Papai costumava ficar andando prá lá e prá cá na calçada do jardim e, às vezes, murmurava. Estou certo que ele estaria pensando no que fazer para recuperar-se no auto-

respeito e na consideração dos seus parentes, amigos e, também, da sua família. O seu doloroso dilema era como agir para ganhar, ele próprio, o necessário à manutenção da família. Não era digno e nem razoável que vovô estivesse subsidiando indefinidamente. (HARRIS, 1984, p.37)

Durante um certo tempo tentou ser inventor. Entre outras coisas, inventou um prendedor de jornais para ser pendurado na parede; um limpador de mangas de lampião e um processo para evitar que os condutores de trens se apropriassem das tarifas que arrecadavam diretamente dos passageiros ao longo da linha. Fracassou em todos os seus inventos. Os milhões que tencionava ganhar com eles, viraram água de barrela. Tentou, então, outros meios: foi caixeiro viajante; trabalhou como operário, numa fábrica de brinquedos em Mechanicsville, Vermont; foi redator de jornais mas, sempre, mal sucedido. Alguns artigos, que papai escreveu, foram impressos e agradaram bastante mas renderam ninharia. Os editores estavam dispostos a publicá-los sempre, desde que nada tivessem que pagar (HARRIS, 1984, p.37).

Ainda que não obstruísse sucesso financeiro, Paul Harris assegurou-se na personalidade de George Harris quando citou sua tentativa de escrita e opinião política, atribuindo-lhe um momento como representação de pai, tendo em vista que "a figura de proa da família e da sociedade civil, o pai domina com toda a sua estatura a história da vida oitocentista. O direito, a filosofia, a política, tudo contribui para assentar e justificar sua autoridade" (PERROT, 2009, p. 121):

os artigos, que escrevia, cobriam uma larga faixa de interesses: Tinha-se a impressão que ele não estava alheio a nenhum ramo do conhecimento: política, filosofia, religião, geologia e ciência em geral. Embora as suas tendências mais visíveis estivessem voltadas para o humor, ele abordava todos os assuntos, mas num sentido de destruição verdadeiramente iconoclasta. Não sei se se aprofundou em geologia, nos seus tempos de colégio, mas gostava de escrever sobre esse ramo do conhecimento (HARRIS, 1984 p.37).

Apesar de procurar retratar o pai como uma autoridade masculina, seu avô Harold Harris foi quem, de fato, estabeleceu a imagem paterna e de chefe da família. Harris atribuiu a ele a admiração e inspiração suprema de masculinidade, sempre com o comparativo a George Harris, cujo gasto financeiro era considerado exorbitante, tornando impossível de estabelecê-lo como um bom genitor:

As extravagâncias de papai eram menores que as de mamãe, mas muito mais pessoais. Charutos e despesas afins não podiam ser consideradas necessidades de vida. Ninguém, conhecedor das circunstâncias, poderia afirmar que papai fosse um bom chefe de família. De fato, ele deixava essa honra a vovô, que sempre as teve com dignidade. Era mais fácil os ponteiros de um relógio girarem ao contrário do que vovó dar aso a uma sua falha, como chefe de família (HARRIS 1984, p.39).

Não apenas nas comparações com Harris e no enaltecimento das funções de seu avô Harold, na casa e na criação de Paul Harris podemos ver a transferência da ideia do paterno atribuída ao avô. No episódio que transfigurou sua morte, a narrativa detalhada do acontecimento demonstrou

a autoridade que Harold Harris possuía na família, tendo em vista que a morte do pai era um momento de relativa importância social:

É por isso que a morte do pai constitui a cena mais grandiosa, mais carregada de tensões e significados, dentre todas as cenas da vida privada. É objeto de relatos e representações. O leito do moribundo já não é o leito das "últimas vontades": estas são regulamentadas por lei. Mesmo assim, continua a ser o lugar das despedidas, das transferências de poder, das grandes reuniões, dos perdões e reconciliações, dos novos rancores derivados da injustiça do desfecho (PERROT, 2009, p.116).

Além de relembrar a relação pessoal que possuía com Harold, Paul Harris relacionou o episódio com o inverno rigoroso presente em *Wallingford*, apresentando um enunciado composto de dramatização. No capítulo, descreveu a sala da cerimônia, a composição de cada membro próximo de Harold, a presença de tios, primos e outros familiares, a importância concebida a partir do zelo dos vizinhos e a imagem honrosa que tanto eles quanto ele tinham do avô, fazendo questão de atribuir-lhe adjetivos:

Aquele foi o inverno mais rigoroso que se conheceu, até então, na região. O North River gelou completamente e houve quem o atravessasse sobre o gelo para acreditar. A neve amontoou-se até os beirais das casas e o tráfico parou por muitos dias. Quem não abastecera a despensa passou fome. Mas na casa de vovô não faltou alimento [...] Vovô não readquiriu mais consciência. Seu velho coração dentro em pouco, cessou de bater. Deixou de existir um grande esposo, pai e avô e a Nova Inglaterra perdeu um cidadão A preocupação de vovó espalhou-se pela vizinhança que, solícita, ofereceu toda a sorte de solidariedade, demonstrando a estima que ambos os velhinhos lhe inspiravam [...] quando eu cheguei já vovô estava ali, inerte. O cômodo estava gélido até a hora dos funerais, apesar de estarem as estufas da sala de estar e da cozinha plenamente acesas [...] os serviços do funeral foram simples. Não havia mais flores, além dos gerânios cultivados em vasos nas soleiras das janelas da cozinha e da sala de jantar. O ministro, em pé, na porta que comunicava as duas salas, falava apreciativamente sobre a vida de vovô, as figuras do coro da Igreja Harlan Strong, o tenor, Cal Hilliard, soprano e sua irmã viúva, Mellie Cleghorn, contralto cantaram sem acompanhamento, "Lead Kindly Light" e outros hinos (HARRIS, 1984, p.113).

Outro fator comum ao século XIX residiu na representação da morte do pai como a dissolução de toda uma estrutura familiar, especialmente aos herdeiros que agora precisavam expressar as satisfações e insatisfações da divisão de bens, o momento da morte do pai, representava um espaço em que o assunto financeiro entrava em cena, além das recordações e dos remorsos, foi, também, um espaço de justiça familiar, a morte do pai, grande fatura econômica e afetiva da vida privada, é o acontecimento que dissolve a família, que permite a existência de outras famílias e a libertação dos indivíduos (PERROT, 2009):

O testamento foi uma surpresa geral. [...] O único que se mostrou injustiçado foi papai, que protestou junto a curadoria, dizendo-se suficientemente capaz de administrar os seus bens e voltou-se, ferozmente, contra tio George. Tio George desagradou-se do legado,

mas resolveu levá-lo até onde lhe fosse possível, o que, aliás, não foi por muito tempo. Nos seus últimos tempos de vida, no intento de defender-se contra as acusações de papai, ele mostrou-me os livros de registro e tentou explicar-me as rendas. [...] A humilhação de ser considerado incompetente para administrar seus próprios bens feriu papai profundamente. Vovô sentiu que isso ocorreria e, por isso, muitas vezes suspirava na sua cadeira de braços ao lado da lareira, nos últimos tempos de sua vida (HARRIS, 1984, p .114).

No velório de Harold, Paul Harris descreveu a revolta de seu pai, no entanto, independentemente de qualquer autoridade que o parentesco pudesse vir a afirmar, foram as considerações de Harris quanto a defesa da postura e posicionamento de seu avô que reinaram em sua ideia do paterno, o momento da morte do pai da família foi capaz de estabelecer rompimentos de forma definitiva:

A morte do pai ou do ancestral, desse modo, é a ocasião para acertos de contas em que cada qual calcula as vantagens do outro, faz valer os direitos de sua eventual dedicação, sentindose inevitavelmente lesado. Dessas grandes lavagens de roupa suja das famílias mesmo as relações fraternas mais calorosas, as amizades mais firmes entre primos raramente saem incólumes. Ocorrem muitas desavenças e até rompimentos definitivos (PERROT, 2009, p. 248).

Ao atribuir estas características de virilidade ao seu avô, Paul Harris considerava o oposto disto a personalidade destoante do pai, não houve espaço neste processo narrativo para a manifestação de outras características possíveis de masculinidade ou feminilidades, expressando um limite das funções de cada gênero enquanto ele escrevia a obra em seu tempo presente.

Para cada processo de sua história de vida foram manifestadas suas percepções sobre os gêneros, mesmo que transpassadas na ideia do lar, da criação e da morte.

No caso das mulheres, se em vida suas existências estiveram atribuídas ao espaço privado e as características de sentimentalismos relacionadas à feminilidade, não foi diferente quanto aos seus espaços na morte. Reclusas a uma intimidade, mesmo quando retratadas em recordações, inspiravam aos que deixavam na terra, memórias afetivas, santificadas, conferidas ao sucesso ou não como mães, avós, donas de casa.

A morte de uma mulher burguesa no século XIX não representava grande acontecimento, muito menos conflitos familiares tendo em vista não possuir primazia como de cujus<sup>4</sup> em uma estrutura familiar. É o momento "a mãe morre discretamente, viúva, sozinha, mais idosa, já presenciou a partida dos filhos e raro que detenha a chave dos negócios ou das provisões" (PERROT, 2009, p.116).

No capítulo *Adeus vovó*, Paul Harris expressou relatos do processo de luto e a morte da sua avó Pamela Harris, prevaleceu em seu discurso a afetividade e o enaltecimento da sua honra, assim

-

<sup>4</sup> De Cujus: Termo designado ao falecido, pessoa falecida que é alvo de inventário; falecido, inventariado.

como de Harold Harris. Desta vez, subsistiu os adjetivos incorporando a feminilidade e benevolência traduzidas como características da personalidade:

Como é natural ela se mostrava frequentemente pesarosa. Eu a sabia profundamente solitária, mas jamais se queixava. Perambulava pela casa mergulhada em perplexidade. Às vezes me pedia para acompanhá-la ao jardim e, quando o sol mergulhava no horizonte, pois ela gostava muito de apreciar as tardes e os crepúsculos ao lado das montanhas do oeste. Comentava, encantada, o metamorfosear das nuvens e a quase imperceptível sucessão das cores, desde o cinza escuro ao rosa claro, ao rosa, ao alaranjado, ao purpurino (HARRIS, 1984, p.115).

A imagem da mulher foi constituída partindo da sua percepção sobre sua avó, aparentemente, foi representada por uma tendência feminina a uma melancolia, ao romantismo, em sua ideia particular sobre as percepções que ela poderia ter ao caminhar no jardim. Neste contexto, não existiu alguma representação de autoridade como a imagem constituída sobre o avô, tão pouco algum atributo que se se distanciasse da ideia de feminilidade.

Pamela Harris perambulava pelo ambiente doméstico como se caminhasse em uma extensão de si mesma. Se anteriormente Harris descreveu a cozinha, lugar que a sua avó frequentava com maior frequência, nos momentos de alegria acabava sendo sempre retratada como o coração da casa; o jardim, sem dúvida, simbolizava o lugar do relento, da reflexão, do luto. Não fora local incomum de outras mulheres do mesmo tempo, asseguradas de estarem devidamente dispostas ao que lhes era permitido:

Nos meados do século XIX, o jardim se tornou um elemento fundamental da vida burguesa. A natureza domesticada, cercada por árvores e sebes, assegurava a tranquilidade da vida privada e proporcionava um quadro ideal para a vida em família [...] as mulheres eram as responsáveis pelas flores, numa associação natural entre a perfumada delicadeza destas e a suavidade feminina (HALL, 2009, p.62).

A tradição ocidental dos sentimentos da morte, representados na passagem do luto, tem início na antiguidade e perdura no século XIX, por meio da família e do lar, ambiente em que as mulheres detinham a função de maior envolvimento com as atividades religiosas. Os avós de Harris eram protestantes e Pamela Harris figurou a função de guardiã do lar.

Devido ao movimento da reforma protestante, iniciada no século XVI, e da posterior interferência dos maçons na sociedade civil, algumas particularidades das funções e participação das mulheres foram de fundamental importância na constituição do cristianismo nos lares domésticos:

Esta ideia de sacerdócio provocou duas situações nas sociedades protestantes: de um lado, proporcionou uma maior possibilidade de promoção social do indivíduo; e de outro, promoveu uma reprodução da sociedade global no universo clerical. Deste modo, o protestantismo tendeu a impedir a mobilidade social da mulher, procurando conservar o

papel social tradicional dela, isto é, o de esposa e de mãe (GUARIZA, 2003, p.53. **Grifo nosso**).

Mesmo que este espaço tenha sido restrito na religião, esta restrição acabou promovendo algumas rupturas por parte dos movimentos das mulheres, o que se tornou perceptível nas mulheres estadunidenses que participaram do movimento abolicionista e o movimento das sufragistas na Inglaterra, no final do século XIX.

Apesar do distanciamento e o pacifismo religioso nos discursos de Paul Harris ter sido presente durante os anos rotários, existiu, por parte dele, a afirmação dos valores dos seus avós no desenvolvimento de seus ideais, especialmente na imagem da mulher no século XIX.

Se no período da sua infância o advogado constituiu seus valores atribuídos às lições perpassadas por eles, sem dúvidas, a representação das funções materna foi enunciada por meio do protestantismo de Pamela Harris, esta visão anunciou uma representação que Harris possuía, não, necessariamente, expressava como todas as mulheres atribuíam suas visões sobre si mesmas, especialmente sobre suas lutas.

Para Pamela, de acordo com o relato das recordações de Harris (1984) a respeito da imagem da morte de Harold, apresentou a relação indissolúvel da sua imagem como esposa e mãe, o processo do luto por Harold simbolizou a morte de metade de si mesma. Esta foi uma das memórias de Harris sobre a avó, em que ela demonstrou a representação que tinha a respeito das mulheres:

Eu fui feliz, Paul. Tive o amor constante do seu avô por mais de sessenta anos. A maior benção para qualquer mulher é ter o amor constante de um bom marido e bom pai dos seus filhos. Nossa vida não foi só um mar de rosas, é verdade. Foi uma luta contínua e tivemos a nossa dose de tristezas e dores. Perdemos três filhos. Tivemos momentos de desânimo e de não sentir o valor da vida, mas havia, sempre, tarefas a cumprir, deveres a obedecer. Havia o viver, como o morrer. E ninguém poderá ser maior amparo para a mulher que o seu próprio marido. Meus pensamentos foram os de seu avô e os dele foram os meus. Parece que eu estou morta pela metade de mim mesma (HARRIS, 1984, p. 115).

Pamela Harris, ao sobre a importância de Harold em sua vida, demonstrou que perpassava, sobretudo, o papel do marido na trajetória de vida da mulher, a relação das tarefas e dos deveres e o esposo como o maior amparo frente a todas as dificuldades fez parte da sua narrativa a respeito do que viria a ser mulher, indo além do que o marido Harold representava para a família.

No mesmo episódio, Pamela Harris aproveitou para discursar a Paul a importância do seu engajamento profissional e de vida, a memória de Harris foi perpassada por uma insistente perseverança de Pamela para que ele continuasse seus estudos e assumisse uma trajetória triunfante. Nos ideais protestantes essa função materna fora direcionada em uma educação às

mulheres, tendo em vista que viriam a ser responsáveis pelo bem-estar afetivo e pela ascensão cultural de sua família:

Paul, eu, às vezes, me pergunto se você está consciente do quanto você significou para o seu avô. Ele chegou a pensar que a sua vida fora um fracasso. Como você sabe, ele alimentava grandes esperanças para o seu pai e não regateou despesas e cuidados para a educação dele. O desapontamento que seu pai lhe deu, despedaçou lhe a alma. E, então, você, providencialmente, veio aqui pra nossa casa e as esperanças do seu avô ressuscitaram. Paul, você não pode falhar. Trabalhe duro e viva com honra e dignidade, pela lembrança e pelo amor de seu avô (HARRIS, 1984, p.115).

A associação ao avô de Paul Harris estava conectada a uma visão macro das intenções religiosas protestantes em que "apoiavam as mulheres visando à conversão dos outros membros da família, em especial os maridos, num reforço moral da religião, da família e da nação americana" (MARTINS, 2015, p. 21). Pamela Harris atribuía-se de uma certa autoridade em aconselhar, tendo em vista sua "aptidão natural para lidar com os desafios colocados pelas necessidades crescentes de uma sociedade pautada pelo mercado" (MARTINS, 2015, p. 21), como é possível perceber na seguinte passagem:

Esta figura feminina de tão longeva existência, mas que no século XIX cresce em importância e visibilidade social, expandindo seu poder para além das fronteiras de "seu jardim". Desta forma, acenava-se às mulheres com o poder do amor sobre os homens e quiçá sobre a sociedade, ao mesmo tempo em que a elas era negada a cidadania (MARTINS, 2015, p.21).

No capítulo *Atividades eclesiásticas*, Paul Harris (1984) apresentou as formas do cotidiano religioso que sua família vivenciava, suas memórias demonstraram a descrição do papel onipotente que Pamela Harris atribuiu na vigilância da participação dos netos e do marido na vida cristã, além do espaço doméstico, era na igreja o local em que residia maior parte do tempo.

A visão que enaltecia essas funções que Pamela Harris assumia, em suma, era uma forma de expressar que a avó estabelecia e exercia corretamente o que o período lhe exigia como mulher, Paul Harris tinha orgulho de os avós estarem exercendo o que a sociedade tinha como ideal:

Vovó costumava levar Cecil e eu à igreja e me lembro bem da afetada ordem interna do velho templo Congressional. Vovó vestia-se num elegante vestido de rendas de cor discreta, como convinha ao dia de repouso semanal na Nova Inglaterra. [...] Todos se esmeravam para não tomar quaisquer atitudes impróprias ou desrespeitosas na igreja. Era a casa de Deus. Nem mesmo era permitido que alguém se virasse para cumprimentar um amigo discretamente (HARRIS, 1984, p. 19).

O lar dos Harris, aparentemente, estava em acordo com a ótica dos propósitos religiosos do século XIX, frente à organização e estrutura familiar, especialmente se, quem guardava as

chaves de tais valores era Pamela Harris, devido aos seus adjetivos femininos estarem em sintonia com tais propósitos.

É, portanto, Pamela quem recorre duras críticas à mãe de Harris, Cornélia Bryan. Em um diálogo com Paul a respeito dos seus pais, Cornélia é colocada em pauta por ter fracassado na tentativa de ter levado Paul e seu irmão Cecil de volta para serem criados em Nova Iorque, onde ministrava aulas de piano.

É importante ressaltar que pudemos identificar no episódio da conversa, duas interessantes perspectivas. De um lado, Pamela afirmava que a culpa residiu em Cornélia por não ter sido capaz de assumir aquilo que, para ela, eram as funções de esposa e mãe. Por outro lado, por parte de Paul Harris, o fracasso era culpa de seu Pai George.

Ambos com esta atitude comparativa acabaram por desqualificar as possíveis feminilidades que caminhavam na contramão do comportamento dos avós:

De volta a Cambridge minha mãe deveria estar profundamente abatida. Era a segunda vez que tentara realizar o objetivo que, mesmo com sua corajosa ajuda, fracassou por culpa de papai. Há que justificar-se mamãe pelo fato lógico de ser-lhe impossível cuidar da casa e das aulas de piano (HARRIS, 1984 p. 39).

Mesmo que Cornélia Bryan trabalhasse ministrando aulas de piano, o século XIX não poderia assegurar estabilidade financeira sem que não houvesse o componente familiar, pode ser que, sob a perspectiva glorificada de Paul Harris, sua mãe não tenha conseguido criar seus filhos devido a impotência de George Harris. No entanto, existiu, em seu tempo, uma esfera de solidão e improbabilidade de desenvolvimento econômico e social para mulheres solteiras.

Escolhida, sofrida ou simplesmente assumida, a solidão das mulheres sempre gera uma situação difícil, pois radicalmente impensada "A mulher morre se não tem lar nem proteção", diz Michelet com piedade; e o coro dos epígonos delcara: "Se há uma coisa que a natureza nos ensina com clareza é que a mulher é feita para ser protegida, para viver quando jovem junto à mãe, e esposa sob a guarda e a autoridade do marido [...] As mulheres são feitas para esconder sua vida" (Jules Simon, *L'ouvrière* [A operária], 1861). Fora do lar e do casamento não há salvação (PERROT, 2009, p. 277).

A réplica de Pamela acabou por sustentar a conclusão de Paul Harris sobre sua imagem materna. Ele já achava lógico a impossibilidade de estabelecer esta função da maternidade se a mesma precisasse se empregar. Na opinião de Pamela, se o lar estivesse em ordem, tudo poderia ter entrado nos eixos, salva em um tempo em que "a família, átomo da sociedade civil, é a responsável pelo gerenciamento dos interesses privados, cujo bom andamento é fundamental para o vigor dos Estados e o progresso da humanidade" (PERROT, 2009, p. 91).

Ah, não! Ela nunca agiu como devia, Paul", replicou vovó. "O primeiro dever de uma mulher é ficar cuidando da casa e dos filhos. Aconteça o que acontecer é ali o seu lugar. Se ela atender a casa, tudo o mais entrará nos eixos. A Providência cuida até das viúvas com filhos. O seu avô nunca deixaria que vocês sofressem, se as coisas estivessem em ordem em casa e, mais do que isso, seu pai teria tido sucesso no seu trabalho se tivesse a sustentação de um lar bem organizado. Se ela ficasse em casa, seria muito melhor do que trazer, de fora, algum dinheiro para comprar bugigangas (HARRIS, 1984, p. 39).

Paul Harris passou a sentir o peso de uma responsabilidade, entre os comparativos que ele desenvolveu dos valores de Harold Harris com George, e de sua avó Pamela com Cornélia Bryan. Se colocava, agora adulto, em uma cobrança quanto as expectativas de superação de ambos. Durante seus últimos dias na casa dos seus avós, refletiu sobre como desenvolveria seu futuro, em uma confusão a respeito dos seus sonhos e os valores familiares.

Além dos sentimentos pessoais que vieram a desenvolver sua personalidade, estes valores sobre o lugar que as mulheres deveriam ocupar, bem como que tipo de comportamento e vida que deveria vir a ter como homem, ajudou a compreender os passos que viria a seguir nos anos seguintes:

Durante os meus últimos dias em Wallingford eu senti que estava no vestíbulo da vida, e que o futuro encerrava uma enormidade de incertezas. Seria eu capaz de suportá-las e vencê-las ou voltaria derrotado e humilhado como papai? Havia, porém, uma diferença entre as nossas situações. Ele contava com um lar como abrigo e eu, muito em breve, não o teria mais. A casa sagrada dos meus avós já se estava fechando e jamais se abriria (HARRIS 1984, p. 115).

O lar, ambiente familiar tão importante na manifestação e concretização dos valores oitocentistas estavam se fechando para Paul Harris com a morte dos seus avós. Vivenciava, na vida adulta, a abertura das portas de um novo tempo. O século XX era o novo lar de Harris, mas, em suas memórias, ainda residiam os valores do XIX.

Partiria a uma nova jornada, de Wallingford à Chicago. Dos valores familiares ao capitalismo desenfreado. Estas memórias remeteram a Harris um passado mais longínquo:

A cozinha fora o centro de atividades da casa, a sala de estar o lugar das decisões importantes. A sala de jantar foi o palco do alfa e do ômega da minha vida familiar, em Nova Inglaterra [...] Lá me fui com a alma em tumulto vendo passarem objetos e lugares tão meus conhecidos e irem ficando distantes. Eu me sentia terrivelmente só. Vovó era a minha última guarida e a chave da porta giraria, fechando-a, dentro em pouco (HARRIS, 1984, p. 116).

Não foi apenas o lar aconchegante em Wallingford que Paul Harris despediu-se. Existiu, também, em sua infância e adolescência, algumas experiências que fomentaram seus valores quanto aos que desenvolveu, posteriormente, junto aos seus ideais rotários. Estes valores foram

levados por ele até a sua velhice. As observações que desenvolveu sobre as montanhas e as pessoas de Vermont, de acordo com ele, compuseram sua personalidade.

#### 1.2 Os homens de Harris, caminho ao Rotary Club e exclusão das mulheres

Alguns fatores iniciais:

A exuberância do menino e a exaltação do seu espírito, conduzem-no além do êxtase do prazer de viver. O menino é o rei da criação. Mas, por deplorável fatalidade, ele tem de tornar-se homem. Continuará apontando os caminhos que o homem terá de percorrer: O homem jamais poderá deixar de ser, parcialmente, menino, de amar o que o menino amou, de assinalar na própria conduta, as características da sua meninice (HARRIS, 1984, p. 16).

Foram as observações de menino, por vezes descritas por ele de forma cômica a respeito dos homens e do comércio local de Wallingford, que desencadearam suas inquietações posteriores com a modernização em Chicago. É na constituição destas observações que, somadas aos seus valores familiares, o motor que impulsionou a personalidade do adulto interessado em constituir um clube de homens.

Nas recordações de Paul Harris sobre Wallingford foi possível visualizar um cenário em que o comércio local detinha uma espécie de cotidiano masculino. Denominado por ele como Atenas dos mentirosos.

No capítulo *Tipos inesquecíveis*, Paul Harris (1984) descreveu o episódio em que a loja do seu avô sofrera um incêndio, apresentando diferentes tipos de masculinidades norte-americanas no fim do século XIX:

Segundo testemunhas mais ou menos confiáveis, o incêndio que consumiu a casa e a loja de vovô ocorreu assim: a loja de vovô, ao lado da moradia, tinha sua quota de "paus-d'água" que se concentrava ali à boca da noite e, de quando em quando, durante o dia. Bate-papo ordinário era a agenda invariável dessas reuniões a que os desocupados do lugar vinham, sempre, estimular com as suas presenças. Era o que, em gíria, se costuma dizer, conversa de encher colchão. Palavrório baixo, entremeado de palpites chulos e gargalhadas roucas eram a regra. Quando se esgotavam as vítimas da maledicência, eles trocavam xingações entre si (HARRIS, 1984, p.16).

O cenário fora comum em outros locais, como na Europa oitocentista, apesar de que ocorreram mais fontes a respeito desse cotidiano no século XX nos EUA. Comerciantes locais se reuniam para contar anedotas, discutir situações políticas e, também, brigar por desavenças ocorridas. O ócio resultante na conversação era consequência do pouco lucro que estabelecimentos da pequena cidade traziam, o que configurava o espaço como um local de sociabilidade e de interação.

Estes homens que participavam do comércio aos arredores da residência dos Harris compuseram a apresentação de outras masculinidades diferentes do avô e do seu pai. Isso contribuiu sua inclinação a uma participação e observação maior em círculos masculinos, este contato, presente em narrativa, foi essencial para ele consolidar sua autoimagem como homem, assim como realizar sua crítica aos comportamentos masculinos de outros homens em sociedade:

Avaliadas em termos de dinheiro as pequenas lojas de Wallingford nada tinham de valiosas, mas como força social eram de valor inestimável. Elas ocupavam os seus proprietários. Atender as lojas era muito mais saudável do que ficar em casa irritando a família e, pessoalmente, se aborrecendo. Tinham, também, a serventia de reunir outros velhos desocupados que, assim, se distraiam e matavam o tempo. O trabalho de atender essas lojas, é fácil de imaginar, não era nenhum sacrifício (HARRIS, 1984, p. 17).

Segundo Harris, os homens de Wallingford possuíam tempo livre devido ao fato de que suas lojas eram ligadas às residências e eles podiam ser chamados a qualquer hora do dia ou da noite (1945). Para ele, este fator tornava a sociabilidade mais fácil, havia lojas para cada tipo de serviço prestado ou mercadoria solicitada.

É perceptível uma autoimagem de superioridade de Paul Harris frente ao comportamento destas masculinidades, há um comparativo subjetivo com mulheres pelo fato de não existirem na narrativa do comércio e cotidiano do vilarejo, assim como com a própria condição de pequenos comerciantes, por considerar a sociabilidade entre eles uma forma de passar o tempo e não, necessariamente, de trabalhar.

De acordo com Kimmel (1998), esta comparação com outros tipos de masculinidades havia sido algo comum entre os homens norte-americanos, especialmente quando exercia eram personalidades cuja masculinidade detinha uma autoridade, como o caso da imagem masculina atribuída ao avô:

O tempo nada significava para tais comerciantes. Suas lojas eram ligadas às residências e eles podiam ser chamados a qualquer hora do dia ou da noite. Nenhum deles, que aspirasse criar um centro social, teria de planeja-lo e esperar por isso. Era só dispor algumas cadeiras em torno de um foguinho baixo, com uma razoável escarradeira próxima, e teria, de pronto, um grupo de bons mascadores de fumo hábeis no cuspir à distância, orgulhosos dessa habilidade (HARRIS, 1984, p. 17).

No entanto, em sua narrativa, há uma propensão à certa afinidade com o comércio local, tendo em vista que o que, aparentemente, agradou a Paul Harris foi o fato do ambiente ser algo familiar, uma vizinhança entre os homens, onde, enquanto criança, podia aprender e se comparar observando os homens mais velhos:

Os meninos faziam "via sacra" em quantos locais pudessem, colhendo informações e a sabedoria circulante: a farmácia de Calvin Townsend, a confeitaria de Luther Tower, o empório de George Tower, a loja de Ben Crapo, a fábrica de caixilhos e portas que recendia a resina de pinus, a mercearia de Harshie Ensign, os peixes secos de Obadiah e outras muitas [...] Havia, ainda, a cavalariça de Charlie Claghorn, o moinho de William Ballou, a fábrica de queijos de Martin Williams, a fábrica de cangas, a fábrica de cidra, a marcenaria do perneta Sr. Pratt, onde se fabricavam elegantes pijamas de madeira (também chamados esquifes) que garantiam o conforto e a satisfação dos usuários, a moradia de Johnnie Adair, a barbearia e sapataria do Sr. Jim Dolan, o estúdio fotográfico do Sr. Eddy, que era quem extraia os dentes dos meninos, o hotel Wallingford, gerido sucessivamente por Horácio Earle e Lyle Vance, as ferrarias de Joe Randal e do velho Clark, a loja ambulante de Jerome Hilliard e, por fim, a mais importante, a fábrica de ancinhos de Batcheller (HARRIS, 1984, p. 17).

Estas observações sobre os homens e o comércio de Wallingford, em conjunto com as observações do espaço privado que viviam seus avós, buscou retratar a personalidade de Paul Harris e as motivações que o levaram a ter sua autoimagem como homem. Mas, além disto, suas narrativas a respeito dos episódios em que expressou o início da sua juventude e, posteriormente a vida adulta, demonstrou a formação de ideias que o motivou a querer fundar o clube, pautado em mudanças que considerava necessárias, tanto no comércio quanto em uma sociabilidade masculina.

Quando retratou o episódio que vai à Chicago, por um curto período durante a universidade, a narrativa de Paul Harris passou a ser em terceira pessoa, expressando que neste momento ele tinha suas percepções da cidade sob a perspectiva da infância:

No ano anterior, em viagem para Iowa, o menino de uma aldeia vermontense parou durante uma semana em Chicago, onde c burburinho contínuo da grande cidade ocidental fascinou-o. Aquilo era o oposto ao vale, mas ele sentiu vibrar a vida, ali. Era campo para estudo da natureza humana. Seria ali o lugar onde os homens se encontravam? E qual seria o chamariz que os atraia? Por quê se reuniriam? A que propósitos o faziam? Por quê alguns eram bons e outros maus? Por quê apenas alguns pareciam sacrificar-se? Sentir-se-iam felizes com isso? Por quê? Por quê muitos deles esbanjavam a saudade e as qualidades morais? Como esta gente interpretava a condição humana? Será que o conceito de vida e os preceitos de conduta ditados e praticados por vovô eram verdadeiramente sábios, ou ele seria um velho ultrapassado (HARRIS, 1984, p. 119).

Os pontos interessantes desta narrativa consistiram, especialmente, no questionamento de Paul Harris sobre como eram os homens na cidade grande, quais eram as principais diferenças de Vermont, especialmente tratando-se de propósitos e questões morais. O primeiro questionamento, portanto, surgiu sobre uma curiosidade a respeito das masculinidades, existindo a expressão de que gostaria de saber o porquê de alguns se sacrificavam e outros não, especialmente porque alguns se diferenciavam dos preceitos que aprendeu com seu avô e na imagem de homem direcionada a ele:

Quando este, que agora escreve, recorda as experiências passadas em outras escolas e procura julgar se o que nelas aprendeu justificaria o sacrifício e as esperanças do seu avô, fica em dolorosa dúvida. O que de melhor lhe ficou delas todas, foram os contatos que estabeleceu com os colegas. Quanto à assimilação de cultura, só lhe ficou a aprendizagem de gostar dos bons livros de autores de todos os países. Durante os dias finais na Universidade de Iowa, o seu grande interesse e absorvente curiosidade era conhecer os caracteres dos homens. Os dos seus compatriotas e os dos demais países. Mas como fazêlo? [...] No fundo das suas cogitações, aquilo lhe parecia urna idéia absurda. Uma quebra insólita dos padrões convencionais de conduta. Todos os seus colegas, sensatos, começariam a cuidar da vida. Todos eles, dentro de sessenta dias, estariam exercendo as especialidades das suas preferências, nas cidades de escolha. Se o rapaz fizesse o que estava pensando, iriam, os parentes dizer que ele não tinha juízo (HARRY, 1984, p. 120).

Com isso, Harris vai construindo uma narrativa relacionada ao seu tempo presente, o que acabou por expressar os caminhos que o direcionou ao Rotary Club, a curiosidade inicial fora realizar um estudo sobre os homens, partindo, posteriormente, a viajar o mundo. Realizou um percurso de 5 anos afim de assumir esta tarefa, estando em diferentes espaços, no final deste processo, muda-se oficialmente para Chicago.

Sendo seu primeiro objetivo realizar uma experiência praticamente antropológica do universo dos homens em sociedade, encontra-se, neste processo, uma das primeiras hipóteses de as mulheres não fazerem parte ou mesmo de que não foram incluídas em seu objetivo.

A curiosidade de Paul Harris havia sido o ambiente público, queria saber como viviam os homens em seus ambientes de trabalho, especificamente no que diz respeito aos quais eram os valores e formas de vida dos homens de negócios. No século XX, as mulheres ainda não estavam relacionadas com a imagem do mundo dos negócios, não à toa que os movimentos feministas estavam começando a se desenvolver nos espaços.

Havia uma busca de afirmação entre uma hegemonia masculina frente às outras masculinidades, a curiosidade partia de uma tentativa de adequação ao ambiente que para ele ainda era inóspito.

De qualquer forma, esta aproximação e interesse por parte de Paul Harris ao mundo dos negócios perdurou como lema do Rotary Club, mesmo depois com a admissão das mulheres, sendo, inclusive, um dos critérios de identidade das associadas líderes e governadoras. Percebe-se que este fator, ao mesmo tempo que perdurou como uma marca masculino, teve em vista as feminilidades estavam restritas a não associadas e esposas:

Três meses antes dos cinco anos que me concedera para correr mundo e conhecer a alma humana cheguei a Chicago disposto a iniciar-me como defensor da lei. Minha juventude se fora. As aventuras e as viagens proporcionaram-me maturidade [...] A visão do companheirismo mundial dos homens de negócio e profissionais ainda não fora concebida. Havia necessidade de mais experiências. Mas os fundamentos já estavam

postos. Seria de surpreender que uma mente sensível, havendo encontrado tanto bem em meio à maldade, tantos fatores de amizade em ambientes destituídos de afetividade, tanta razão, para confiar e ter fé nos homens de negócio, pudesse visualizar aquele ideal? (HARRIS, 1984, p. 120).

Outro fator na vida de Paul Harris que proporcionou seu interesse em promover contatos exclusivamente com homens, passou a existir com o fato de ser advogado em uma metrópole que caminhava para o sucesso profissional a passos lentos. O interesse em crescer profissionalmente o levou a procurar por uma rede que pudesse estabelecer contatos, é com este intuito que procura começar a participar de clubes de homens.

Os clubes de caráter comercial, diferente dos clubes sociais em que poderia, mesmo que raramente, haver a circulação feminina, tinham o objetivo de, por meio de uma sociabilidade, promover negociações, se as mulheres não estavam ocupando cargos profissionais, logo, raramente frequentariam tais clubes.

Chicago passava por tempos sombrios. Eu os tivera, também, e não queria acreditar que os teria ainda piores. Eu me considerava especialista no suportar dificuldades. Contava com os meus recursos muito limitados, e esperava que, logo após haver afixado a placa indicativa do meu nome como advogado, teria algum trabalho. Mas as coisas não eram tão fáceis. Nos primeiros tempos as minhas esperanças se reduziram a um grande zero [...] Seria muito longo e desnecessário relatar como eu, de pequeno escritório particular, passei a ampliá-lo admitindo colegas como sócios e reservando-me a chefia. Os clientes foram aparecendo, de início paulatinamente e, depois, em aceleração crescente. Torneime sócio do Clube dos Advogados, do Clube de Imprensa, do "Bohemian Club" e da Associação Comercial, de cujas atividades passei a participar ativamente (HARRIS, 1984, p. 120).

Pertencente a uma modernidade que o sentimento de solidão residia na maioria dos sujeitos que passavam e precisavam acostumar com a cidade grande, descreveu suas inquietudes quanto a este cenário com a nostalgia de ter como rotina amizades, este fator da melancolia e necessidade de grupo foi, possivelmente, um dos fatores que o motivaram e direcionaram a procurar por tentativas de constituir coletividade:

Veio-me persistente pensamento: estava vivendo a mesma inquietude de milhares de outros seres que vieram para a cidade grande. Eu sabia que muitos outros jovens haviam deixado o meio rural ou as pequenas comunidades, para tentar a vida ali em Chicago. Alguns deles eu conhecia. Por quê não reunilos? Se eles estivessem se sentindo sós, como eu, seria fácil e proveitoso para todos [...] Uma noite fui visitar um amigo que morava num bairro. Após o jantar saímos a passear pelas vizinhanças e ele saudava, nominando, muitos negociantes nas suas lojas. Isso fez-me lembrar da minha aldeia. Essa lembrança sugeriu-me a indagação subjetiva do porque não haver, em Chicago, um agrupamento amigável, composto de um homem de cada profissão, sem restrições políticas ou religiosas dispostos à tolerância às opiniões alheias. Em tal Associação poderia haver plena colaboração mútua (HARRIS, 1984, p. 129).

Neste momento, o autor faz alusão aos homens da *Atenas de mentirosos* que observava na infância, pensou em constituir, por meio da criação de um grupo, algo que se assemelhasse à proximidade que os homens de Wallingford apresentavam, misturando-se com suas observações da cidade e da necessidade de estabelecer vínculos entre os homens de negócios.

Este fator retomou a ideia de não pensar as mulheres para constituir o Rotary Club, tendo em vista que o clube deveria satisfazer uma projeção dos valores que ele constituiu como coletivo, amizade e cooperação, sendo estes oriundos da masculinidade que observou durante a infância.

Há uma certa coerência com o que Kimmel (1998) apresenta a respeito das projeções de masculinidades norte-americana, na medida em que Paul Harris consolidou a imagem daquelas que poderiam ser a masculinidade ideal:

Ao mesmo tempo, contudo, não podemos nos esquecer que nem todas as masculinidades são criadas igualmente. Todos os homens norte-americanos devem também afirmar uma única visão de masculinidade, uma definição particular que é sustentada como o modelo a partir do qual todos nós nos medimos. Viemos a saber o que significa ser um homem na nossa cultura, assim, ao opormos as nossas definições a um conjunto de "outros" — minorias raciais, minorias sexuais e, sobretudo, mulheres (KIMMEL, 1998, p. 106).

Com esta base, Paul Harris procurou outros três amigos de Chicago que haviam vivenciado experiências semelhantes a que ele viveu durante a infância, os convidando para constituir e formar o clube, entre eles estavam os nomes de Silveste Schiele, Gustavus Loher e Hiram Shorey:

Crescemos em número, em amizade, em espírito de mútuo apoio e dedicação à comunidade. O banqueiro e o padeiro, o sacerdote e o funileiro, o advogado e o tintureiro conscientizaram-se dos problemas, das ambições, dos recursos e frustrações uns dos outros. Compreendemos que todos tínhamos, em comum, muitas aspirações e condições. Descobrimos o prazer de podermo-nos apoiar uns nos outros. A mim pareceu-me que voltara o tempo que vivi em Nova Inglaterra (HARRIS, 1984, p. 130).

Estes primeiros indivíduos que se propuseram a fundar o clube eram todos "homens de negócios", com vínculos com a comunidade e provenientes de fazendas, eram sujeitos que estavam vindo a se tornar *Selfmade man*, sem uma outra referência de identidade masculina, sendo as únicas àquelas que constituíram durante a infância na vida rural:

Muitos dos primeiros rotarianos cresceram no meio rural e a maioria deles é oriunda de pequenas cidades. Embora ainda não totalmente realizados, estarão em caminho de tornarem-se vencedores em futuro à vista. Alguns tiveram o privilégio de tornarem-se profissionais liberais, os demais - a maior parte – não (HARRIS, 1984, p. 130).

Esta identidade coletiva foi necessária na medida que Paul Harris achou pertinente a formação do clube, com o tempo foi constituindo os propósitos e objetivos do Rotary Club, que se estabeleceram, especialmente, no trabalho com a comunidade e a cooperação mútua. A estrutura

que o Rotary Club foi formado neste primeiro momento, demonstrando que a ideia de fraternidade foi um dos eixos principais para o sucesso e frequência dos associados.

Na autobiografia de Paul Harris, quando ele se refere a esse momento que o clube foi fundado, descreve os propósitos e objetivos do Rotary e, especialmente, a identidade dos associados, não citando estatutos ou normas, mas deixando evidente que os primeiros associados eram homens de negócios afim de expandir suas ideias a nível internacional.

Esta caracterização da personalidade e estilo de vida destes homens abriu precedentes para a hipótese do porquê da não participação e admissão das mulheres no primeiro momento, não sendo citadas mesmo na condição de esposas e, também, porque os lugares que ocupavam no século XX não lhes assegurava os locais públicos e clubes de serviço ou clubes comerciais.

## 1.3 Mulheres em clubes masculinos, as relações de gênero na prática clubista

A prática de se organizar enquanto um clube se expandiu de forma rápida no ocidente, no entanto, associar-se e admitir sujeitos com interesses em comum, sejam eles homens ou mulheres, ricos ou pobres, negros e brancos, foi o fator essencial na formação de conflitos e, consequentemente, das fronteiras entre os sujeitos em suas manifestações de interesse na sociabilidade.

Na Inglaterra, o ápice da formação de clubes foi alavancado durante a segunda metade do século XVIII, com a movimentação da sociabilidade burguesa e da sociabilidade proletária. Estas novas interações contribuíram nas divisões do espaço público e do espaço privado. Clubes burgueses e clubes operários passaram a ser fundados e, com eles, as restrições, normas e identidades vieram a gerar as exclusividades dos associados.

O espaço privado, restrito especialmente às crianças e mulheres permaneceu intocado por esta prática. Conforme Peter Burke (2016), estrangeiros, que estiveram em clubes londrinos, destacaram a restrição às mulheres na década de 1920, especialmente em clubes de reputação como o *Athenaeum*, *Travellers Club* e *Reform Club* (BURKE, 2016).

De acordo com Valéria Capdeville (2016), nos países que houve trocas e migrações com a Inglaterra, acabaram sendo influenciados a formarem clubes como os clubes ingleses. No caso dos

EUA, o processo de industrialização e modernização foi essencial para que surgisse associações e clubes com a finalidade de agrupar e reorientar o ambiente caótico e movimentado de um espaço em ascensão do capitalismo (SANTOS, 2003).

Paul Harris e os primeiros associados ao Rotary Club tinham como objetivo a extensão do clube para outros países partindo, especialmente, do propósito de reordenar a sociedade a partir de uma lógica de sociabilidade inspirada em um pensamento liberal:

Para o pequeno grupo, oriundo de pequenas comunidades, o Rotary foi um como que oásis no deserto do sentimento, que era, Chicago. Suas reuniões eram diferentes das de outros clubes, naqueles dias. Eram mais íntimas, mas calorosas, muito mais amigáveis. Deixávamos, à porta de entrada, as nossas preocupações e idiosincrasias e, durante a reunião, voltávamos a ser as criaturas que fôramos em nossas origens. Eu esperava a hora da reunião com enorme impaciência! O conceito original de Rotary expandiu-se. Seus ideais se definiram; seu objetivo se fixou mas o companheirismo do início permaneceu como elemento de sustentação da sua estrutura (HARRIS, 1984, p. 130).

Neste contexto, surgiram, também, outros clubes de serviço estadunidense, os clubes de serviço norte-americanos passaram a existir na década de 1910, alcançando nível global e sendo reconhecidos até a contemporaneidade, como o *Lions Club*. Com viés filantrópico, estes clubes tinham o objetivo de estabelecer um trabalho com o social, partindo, principalmente, de homens de negócios.

Paul Harris, ao assumir o cargo de presidente do clube, decidiu, inclusive, a estabelecer o trabalho social como uma identidade do Rotary Club, em sua narrativa relembra os primeiros propósitos, em sua manifestação, nota-se que não há referência a gênero:

É propósito do Rotary não levar em conta a religião, a posição social, o pensamento político ou a raça dos seus associados. É isto, sim, seu propósito, aglutinar homens de negócio e profissionais a fim de que possam corresponder-se, aumentar entre eles a boa vontade e tolerância e favorecer o estabelecimento de laços de amizade e disposição para a solidariedade (HARRIS, 1984, p. 130).

É de se pensar que exista uma incoerência neste ponto, tendo em vista que a filantropia passava por um processo de feminilização no século XX, inspirada pelos mesmos motivos de reordenar a sociedade e organizar os espaços (MARTINS, 2013). No entanto, o fato da sociabilidade dos clubes de serviço ter existido um histórico majoritário masculino, há a hipótese de que o conflito das relações entre os gêneros tenha impossibilitado essa admissão, especialmente tratando-se de masculinidades consideradas hegemônicas como no caso dos homens de negócios norte-americano.

Ao mesmo tempo, não podemos afirmar que as mulheres manifestavam interesse em participar como sócias dos clubes de serviço, tendo em vista que a prática da filantropia poderia

servir, apenas, como um apêndice e extensão da condição a que estava subordinada como mãe e esposa. Especialmente as mulheres de elite são citadas como conformadas ao estado que lhes estava asseguradas nas ações de caridade, tendo em vista a possibilidade de abertura ao mundo público:

Para as mulheres das elites, as atividades filantrópicas representavam uma oportunidade de ingressarem de maneira mais efetiva no mundo público, sem com isso subverter as fortes amarras morais de gênero, que as colocavam em uma posição de subalternidade em relação aos homens. Para estas mulheres, os trabalhos assistenciais e de benemerência eram considerados extensões de suas atribuições na esfera do privado e estavam em total conformidade com sua suposta natureza feminina de dedicação à família e ao próximo (NASH, 1996, p. 334).

No entanto, no exercício de suas manifestações táticas não deixaram de estabelecer suas sociabilidades na medida em que procuraram criar extensões dos clubes de serviço com exclusividade feminina, como a associação das senhoras de rotarianos. Sob certa perspectiva, os objetivos e interesses dos clubes e das associações de mulheres eram os mesmos, no entanto, a sociabilidade entre os gêneros restrita aos preceitos morais do século XX, foi o fator determinante da não participação das mulheres em clubes de serviço como associadas.

Mesmo praticada por homens e mulheres, que muitas vezes se dedicavam às mesmas questões, como é o caso da maternidade e infância, o trabalho filantrópico era fortemente marcado pelo gênero e estabelecia posições e hierarquias fundamentadas também nas relações de gênero. Enquanto para os homens o trabalho filantrópico era entendido como fruto do desprendimento e ausência de soberba, para as mulheres era interpretado como uma extensão de suas atividades maternais, um aprimoramento de suas capacidades de cuidar e dedicar-se ao outro de forma altruística (ALVES, 2015, p. 75).

Estas hierarquias manifestaram-se na admissão das mulheres na medida em que, para a participação como clubistas, ou seja, dignas de participarem nas sociabilidades e decisões internas da organização, era necessário que assumissem, ao menos, uma identidade semelhante a dos homens. No período de fundação do Rotary Club, o fato de não aparecer nas fontes analisadas, mulheres de negócios aceitas na organização, expressa um fator relacionado a periodização. Esta mudança de aceitação passa a ocorrer a partir da década de 1980, como podemos ver na análise das narrativas das governadoras e líderes distritais.

### A rotariana está aí: narrativas de mulheres no Rotary Club Brasileiro

As narrativas da participação das rotarianas e senhoras de rotarianos no Rotary Club demonstrou que, apesar de existir certa diversidade, a maioria das mulheres estabeleceram suas histórias de vidas em locais de privilégio social. Ao passar por uma infância e adolescência com pais presentes, ativos na filantropia ou casadas com homens de significativa influência, elas constituíram famílias estruturadas, puderam realizar formação em ensino superior e, em alguns casos, até se formaram em universidades públicas ou realizaram intercâmbios em outros países.

Ainda assim, alguns recortes lhe fora estabelecido desde o nascimento. Mulheres latinoamericanas que, ao estabelecer família, formação e participação caritativa, sofreram as retaliações de um país e estrutura conservadoras quanto aos locais de gênero e do desenvolvimento de papéis constituídos, especialmente ao que é compreendido como lugar do feminino.

Portanto, desde a infância fora ensinado o lugar que deveriam ocupar em suas histórias de vida, ama representação como mãe e esposa e, especialmente, qual seria a sua função no desenvolvimento dentro de um clube de serviço. Ao se associarem às causas caritativas, estiveram incumbidas de um comprometimento com a imagem da família e da honra, devido às posições de influência que seus esposos ocupavam e ao que lhe cabia enquanto mulher deles.

As narrativas apresentadas são de mulheres entre 40 e 90 anos de idade, a maioria foram ativas nas associações de rotarianos e casas da amizade, tendo, em suas trajetórias, o vínculo familiar presente. É possível, apenas na história recente do Brasil, encontrar alguns clubes do Rotary que figurem mulheres jovens e solteiras, sendo que, ainda, são poucas as que ocupam esses espaços exercendo algum tipo de função de liderança direta, como o clube de jovens do Rotary, o Rotaract.

As fontes deste estudo em questão, *Mulheres, suas histórias e trajetórias*, assim como a revista *Brasil Rotário*, foram produções realizadas pelo Rotary Club brasileiro. A preocupação com a organização de uma narrativa memorial foi importante, na medida em que esta ação fez parte da construção e consolidação de uma identidade do clube. As memórias dessas mulheres não foram apenas lembranças individuais, pois a produção e busca por suas narrativas esteve atrelada à construção de uma memória coletiva.

Esta categoria de "memória coletiva" defende que os locais de recordações e memórias do indivíduo não podem ser separados de seus contextos e de seus grupos sociais, visto que, para que

esta lembrança exista, é necessária uma afetividade. Esta afetividade é acionada por uma comunidade ou por um grupo, sendo estruturada por meio de um convívio social e de interação.

A memória deste indivíduo é, portanto, um conjunto de memórias de vários espaços em que ele esteve ou está inserido (HALBWACHS,1990).

Para Halbwachs (1990), a memória não possui uma temporalidade linear e fixa, devido ao conjunto de experiências em espaços que, muitas vezes, coexistem com outros. A multiplicidade de experiências de um sujeito faz com que ele filtre aquilo que deseja ser lembrado e retomado, as tradições, as práticas, ou mesmo aquilo que considera pertinente de narrar. No ato da narrativa estas memórias se modificam na medida em que o tempo e os grupos as ressignificam.

A relação de gênero e memória apresenta um tipo de operação no exercício do lembrar. Ao narrar, a pessoa é capaz de organizar os significados do que considera ser homem e mulher no tempo da narrativa, estabelecendo diferenciações pré definidas pelo gênero.

O objetivo deste capítulo foi compreender, por meio das memórias de vida destas mulheres, de que forma elas estabeleceram, ou não, uma autoimagem em relação aos homens, especialmente quando são confrontadas a escrever sobre suas experiências dentro de um grupo que a memória coletiva esteve estabelecida nas ideias do masculino.

Um primeiro exemplo que podemos salientar foi o caso de Maria Cristina Lopes, governadora do distrito 4480, da região de Ribeirão Preto -SP-, ao decidir publicar *Mulheres, suas histórias e trajetórias*, logo nas primeiras páginas, buscou justificar a sua ação como reflexo do discurso realizado pelo presidente do Rotary Internacional, Barry Rassin. Em janeiro de 2018, em San Diego - Califórnia, Barry Rassin fez uma fala inaugural evidenciando a importância de que rotarianos falem sobre sua história no Rotary Club.

O discurso de Barry Rassin, em 2018, teve como lema "seja inspiração". Seu pronunciamento enalteceu a importância do aumento de sócios em Rotarys de mundo todo, além de salientar a importância de ser exemplo para outras gerações. O então presidente disse que o caminho para que isso ocorresse, deveria existir no entusiasmo e no amor pelos clubes, a vontade de mudar o mundo e do exemplo de como realizar grandes ações. Barry Rassin pontuou ser necessário uma melhoraria na forma como as histórias são contadas e divulgadas, pois sua intenção era a de promover avanços significativos sobre as narrativas e memórias sobre o clube.

Esta ação levou o distrito, e especialmente a pessoa de Maria Cristina Lopes, a decidir publicar um livro que abordasse o tema das trajetórias de mulheres no Rotary Club, na confecção deste, contendo depoimentos concedidos por sócias, integrantes das Casas da Amizade ou qualquer mulher que pertença ao clube de alguma forma. A iniciativa do projeto demonstrou que a vontade

de publicar memórias de mulheres esteva ligada diretamente com às percepções do gênero e de memória das rotarianas, visto que a necessidade de trabalhar com trajetórias femininas foi e, atualmente, é uma necessidade da valorização das mulheres no clube, caminhando em consonância com um movimento mais amplo e de afirmação da mulher, sua presença e ação na sociedade.

Cada depoimento do livro contém uma arte criada pelo artista Fábio Bocchi, as ilustrações buscaram representar os depoimentos destas mulheres e, também, analisar a relação com suas narrativas, esse exame esteve preocupado em compreender a relação da memória apresentada por Halbwachs (1990).

Com a análise dos depoimentos que tivemos acesso, foi possível identificar características comuns em suas trajetórias. Apesar de que, o distrito tenha solicitado as memórias de sua participação no Rotary Club, as narrativas trouxeram consigo rememorações de outros espaços, apresentando uma não linearidade, como comentado anteriormente a partir de Halbwachs (1990), especialmente no que diz respeito ao ambiente familiar e o tempo como rotariana, seguida do tempo/espaço como casada. Suas trajetórias foram entrelaçadas de acordo com a vivência de seus filhos e esposos dentro do clube, comumente narrada de forma a incluir toda a família, demonstrando, de forma evidente, a relação da memória coletiva e individual.

# 2.1 Feminilidades e masculinidades nas relações de gênero rotárias

Caso trabalhássemos a historiografia das relações de gênero composta unicamente por uma abordagem de História das mulheres, não seria possível dar ênfase em apresentarmos sobre as relações de poder constituídas no Rotary Club. Ora, esta abordagem poderia vir a apresentar as mulheres como sujeitos a parte destas relações, em algumas situações poderia vir a apresentá-las apenas como um apêndice dos homens, sem uma análise de linguagens e experiências, esta postura de análise justificaria suas identidades e ações como uma continuidade daquilo proposto por uma masculinidade dita hegemônica (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013).

Tendo em vista que estas relações foram, e ainda são, em maior parte, consolidadas por ações estimuladas por identidades masculinas, formadas e estabelecidas em outras múltiplas relações de poder, foi retomado, durante o processo de pesquisa, a necessidade da abordagem de gênero como categoria de análise.

Joan Scott, em seu artigo *Gênero, uma categoria útil de análise histórica* (1990), iniciou o texto contextualizando o termo gênero como uma forma que, incialmente, partiu de uma linguagem

comum por parte do feminismo na atribuição das organizações e das relações entre os sexos, partindo, assim, de uma explicação mais literal do conceito.

Para Scott (1990), a perspectiva do patriarcado acabou por excluir outras desigualdades, como as desigualdades de classe, por exemplo, apesar de que a perspectiva marxista tenha retirado parcialmente a discussão deste espaço, para o historiador, a visão, ainda, esteve conectada a uma estrutura, e quase como um subproduto, das relações econômicas na área da História.

Seguindo a perspectiva dessa autora, gênero é uma categoria relacional que dever ser enfocada sempre pelo viés da diferença. A autora não nega a existência de diferenças entre os corpos sexuados, mas sua crítica recai na utilização destes fatores biológicos para constituir significados e representações sociais sobre os corpos. Desta forma, o que interessa são as formas como se constroem os significados culturais para essas diferenças, especialmente ao posicionaremse nas relações hierárquicas, as quais são constituídas em três dimensões e controladas pelo poder social, sendo elas: diferença de gênero, raça e classe. Ou seja, há uma grande distância ao se comparar homens e mulheres, suas influências e posições sociais, poder de voz e igualdades, mais é sempre importante a ressalva sobre o abismo, dentro do recorte temporal que este artigo de Scott foi escrito, mas o qual ainda é pertinente na atualidade, ao observar a representação, ação e papel social de uma mulher, negra e pobre.

A abordagem a respeito das mulheres rotarianas foi constituída com base na percepção de relação de poder de um gênero sob o outro, ultrapassando a questão de classe, mesmo tratando-se de um grupo cuja identidade econômica se caracterizou como de elite.

Desta forma, a noção de que os símbolos de um grupo possuem conceitos normativos, capazes de expressar certas interpretações por meio de seus significados, fez mais sentido na tomada analítica do clube, especificamente ao analisar as representações sobre o feminino e masculino, atravessando as relações de poder econômica instituídas.

Além disto, não excluiu a inclusão de uma concepção de política, bem como uma referência às instituições e à organização social. Gênero foi estabelecido, a partir dessa premissa, como uma forma primária de dar significado as relações de poder, na qual gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido questionado, concebido e legitimado, referenciando e estabelecendo a oposição entre homem e mulher, tendo em vista que essa forma de dominação gera uma ameaça ao sistema por completo.

Por meio dos apontamentos realizados por Joan Scott (1990), foi possível estabelecer uma abordagem adequada para a compreensão das mulheres rotarianas no espaço-tempo, especialmente por problematizar a necessidade da historicidade das experiências dos sujeitos, as formas como as

relações foram constituídas, tendo em vista a legitimação de masculinidades e feminilidades em determinado espaço, partindo da linguagem e suas representações metafóricas.

Desta forma, a iniciativa em compreender as representações e as linguagens estabelecidas nas relações entre masculinidades e feminilidades, na inserção e admissão das mulheres no Rotary Club, foi preponderante. Nas páginas a seguir, esta análise foi apresentada tendo como base as representações da admissão das mulheres na revista *Brasil Rotário* e as próprias narrativas de suas trajetórias no clube, em *Rotary Club brasileiros* entre as décadas de 1989 a 2000.

Apesar de existir o reconhecimento da participação e admissão das mulheres na organização, os clubes ainda possuíam, majoritariamente, a participação masculina nos cargos de liderança. A representação e atuação das mulheres continuaram com o critério de possuir grau de parentesco ou outros vínculos familiares, mesmo que de forma subjetiva.

A admissão e inserção das mulheres no Rotary Club é, ainda, uma discussão recorrente entre os rotarianos. Em dezembro de 2019 a revista *Rotary Brasil*, em sua edição número 1170, publicou uma reportagem em comemoração aos 30 anos de admissão da mulher no clube, relembrando a história da trajetória das mulheres na organização por meio de entrevistas com quatro associadas ao Rotary Club do Rio de Janeiro, clube mais antigo do país.

A edição apresentou uma conversa com a primeira governadora brasileira de distrito, idealizadora da obra capaz de reunir a vivência de mais de 80 governadoras que já passaram por lideranças em seus distritos.

O resultado e impacto da obra demonstrou que, para rotarianos e não rotarianos, o entusiasmo e a luta pela participação das mulheres no Rotary Club é representado com exaltação. No entanto, rotarianos brasileiros acreditam que, apesar de que o quadro tenha mudado desde sua fundação, comparado com outros episódios em que a mulher esteve presente, o clube necessita de maiores avanços.

Os avanços solicitados referiram-se a uma maior diversidade, rotarianas como presidentes e a quebra de tradicionalismos. A edição de dezembro de 2019, no quadro pergunta do mês, ao questionar "que avaliação você faz dos 30 anos da mulher no Rotary?", obteve como uma das respostas:

Trinta anos depois da entrada das mulheres, está na hora de termos uma presidente do Rotary Internacional. A chegada das mulheres trouxe para a instituição novos ares, novas maneiras de ver a sociedade, novas forças para a atuação junto às comunidades. Parabéns, mulheres rotarianas! (ROTARY BRASIL, 2019, p. 44).

Apesar de existir a reivindicação de mulheres na presidência do Rotary Club, ainda, alguns clubes, caminharam na solicitação de noção da diversidade e de mulheres como sócias, este posicionamento, partindo da ideia de diversidade, demonstrou que o protagonismo das mulheres foi solicitado na medida de uma reivindicação por mudança, e não, necessariamente, como uma forma de valorizar um espaço já existente

Foi um grande avanço, mas ainda não suficiente para criarmos a representatividade da mulher na sociedade. O Rotary é um clube de serviços que deve refletir a sociedade. Está na hora de praticarmos a diversidade! (ROTARY BRASIL, 2019, p. 44).

Outro ponto importante que salientamos visa demostrar como as relações de gênero instituídas e o espaço das mulheres como ponto de referência para as reivindicações de mudança partiu do questionamento do rotariano Felipe Bento, representante distrital de Rotaract do distrito 4521:

Ainda falta muito para ser o ideal. Há Rotary Clubes que ainda hoje não aceitam mulheres, LGBTs e afins. Os Rotary Clubes e seus programas devem representar proporcionalmente a diversidade demográfica de suas comunidades. Liderança não tem cor, gênero, raça nem orientação sexual. Os clubes que não perceberem isso estarão fadados a existirem apenas no passado (ROTARY BRASIL, 2019, p.44).

A admissão das mulheres como sócias no Rotary Club entrou em confronto com uma associação que, durante 84 anos, foi de exclusividade masculina. O confronto obteve seu primeiro marco em 1911 na organização de um clube feminino de mulheres de negócios formado na cidade norte-americana de Minneapolis, estado do Minnesota, o clube enfrentou certa resistência por parte da Associação Nacional de Rotary Club.

Ida Buel, esposa de um dos governadores do Rotary, apresentou um discurso sobre a representatividade das mulheres na associação em sua cidade e obteve, como resposta, a rejeição de que esta ideia se expandisse para outras locais.

Alwilda Harvey, esposa do presidente do Rotary Club de Chicago, formou em 1921 um comitê com 59 esposas de rotarianos, após ser rejeitado pelo conselho diretor do Rotary Club Internacional, modificou seu nome para *Mulheres do Rotary Club de Chicago*, inspirando umas às outras, surge, dois anos depois, uma organização de esposas de rotarianos em Manchester, na Inglaterra, que em 1924 foi reconhecida mundialmente como Inner Wheel (ROTARY BRASIL, 2019, p. 34).

No Brasil, na cidade de Bauru – São Paulo, em 1938, a participação indireta das mulheres iniciou com a Associação de senhoras de Rotarianos, assim como a Casa da Amizade da família

dos Rotarianos. No entanto, foram associações compreendidas como extensão do clube, tidas como organização de caridade, assim como a associação internacional Inner Wheel.

Um nome influente nesta associação foi de Eugênia Dutra Hamann, esposa de um dos sócios do Rotary Club do Rio de Janeiro, participante assídua das políticas de assistência social e aos movimentos feministas, Eugênia decidiu escrever uma carta aberta ao fundador do clube na revista *Rotary Brasil* na qual questionou, na década de 1930, a não participação das mulheres na organização:

Não sei se o fato de ser casada com rotariano dá-me o direito de intromissão e de comentários sobre rotarismo.[...] Escrevendo estas linhas, anima-me apenas, a curiosidade de saber se foi pensadamente ou por lapso que o fundador do Rotary dele excluiu as mulheres quando concebeu as linhas principais da sua lei básica [...] Permitamme os rotarianos que me manifeste. Dentro do espírito rotário se me afigura incoerente e ilógica essa exclusão que destoa mesmo dos próprios preceitos de solidariedade humana visados e tão exaltados pelo Rotary. Destoa até da linda legenda rotária (ROTARY BRASIL, 2019, p.42).

Ainda na carta de Eugenia, além de problematizar a participação das mulheres em cargos públicos, justificando e questionando a não participação dessas na organização, sua interrogação se direciona especialmente ao fundador Paul Harris:

Por que seria, pois, que Paul Harris não admitiu as mulheres como sócias da sua primorosa agremiação? É possível que o tenha feito intencionalmente, de caso meditado. Bom psicólogo, quem sabe se ele não anteviu, que no momento de se pronunciarem os rotarianos sobre a admissão de uma mulher para o clube e não preenchendo ela as exigências estatutárias, os 'homens' se deixassem dominar e mover pela proverbial gentileza do seu sexo e sacrificassem a justiça ao cavalheirismo e ao galanteio? (ROTARY CLUB, 2019, p.43).

De acordo com a historiadora Ana Paula Vosne Martins, em uma entrevista para a revista Rotary Club, Eugênia Hamman foi "Uma mulher muito inteligente, autodidata, pois não frequentou formalmente escolas nem fez um curso universitário, mas teve uma educação literária muito bem orientada pela mãe" e que "A carta suscitou uma réplica de um rotariano, publicada em abril, e uma tréplica de Eugenia, que encerrou o debate com resposta publicada em junho daquele ano" (ROTARY CLUB, 2019, p. 42).<sup>5</sup>

A reivindicação de Eugenia Hamman demonstrou uma das representações dos conflitos entre os gêneros dentro da organização, a pauta foi direcionada a Paul Harris, mas, especialmente, em um recorte temporal em que as mulheres possuíam um código de comportamento, seu discurso

<sup>5</sup> A revista Rotary Brasil indica o acesso ao acervo digital em revistarotarybrasil.com.br/acervo para a leitura das três cartas na íntegra, os links diretos são https://bit.ly/3433cxy, https://bit.ly/202wYzX e hTTPS://bit.ly/2qsuH8m.

não, necessariamente, foi bem recebido e estimulado por parte do ambiente rotário, ainda que estivesse parcialmente de acordo com as normas devido a sua assertividade.

Havia um código de respeitabilidade muito restrito para as mulheres que estabelecia regras sobre vestuário, comportamentos, modos de expressão em público e na forma de escrever, ainda mais quando essa escrita se tornava pública (MARTINS, 2019, p. 42).

Este conflito não só demonstrou as formas que as relações de gênero estavam instituídas, mas, especialmente, aos locais do feminino que as mulheres supostamente deveriam ocupar dentro do clube, começando com o próprio estatuto a que Eugênia faz referência, alegando que o próprio excluiria às mulheres por suas exigências estatutárias.

Inspirados em uma resposta para Eugenia, ou não, o discurso analisado nos boletins do ano de 1970, do Rotary Club, a respeito deste processo em 1930, justificou que a ascensão da inserção da mulher no universo do trabalho e possibilitou a participação feminina como sócias. A análise de outras fontes apresentou uma outra perspectiva, a de que foram os interesses permeados pelas relações de gênero do Rotary Club Internacional que nortearam esta participação.

Apesar de existir inicialmente uma negação e um conflito por parte dos associados, as justificativas para a participação feminina foram fundamentadas especialmente na contribuição que elas poderiam trazer ao influenciar a família a participar do Rotary.

Essa justificativa foi de fundamental importância no momento em que as mulheres passaram a narrar suas trajetórias no clube, tendo em vista que foi a característica mais preponderante quanto a identidade coletiva de esposas de rotarianos. Sob essa influência, o impacto foi maior nas esposas de rotarianos, enquanto as governadoras e líderes distritais estiveram sob uma maior influência das alegações de Eugênia.

De modo especial porque, em carta de Eugenia Hamman, demonstrou um posicionamento específico quanto a participação dessas mulheres ao criticar o espaço que deveria atribuir comportamentos pautados em um tipo de feminilidade. No último parágrafo, ela enfatizou seu posicionamento:

O que é fato, entretanto, é que para as mulheres não é nada lisonjeiro só poderem comparecer ao Rotary nos dias festivos- como objetos de adorno, como flores que embelezam o ambiente e que, terminada a festa, são atiradas fora por se terem tornado inúteis (ROTARY CLUB, 2019, p.43).

O movimento de Eugenia e de outras mulheres demonstram, portanto, nas décadas seguintes de 1930, não ser satisfatório apenas a ocupação em associações femininas vinculadas ao

clube, tão pouco em lugar de esposas, não ocupando cargos de liderança afim de promover ações efetivas, como apresentado em suas trajetórias de vida.

Estas ações táticas obtiveram continuidade em 1978 em Duarte, na Califórnia. Um clube rotário resolveu admitir mulheres e violou as regras da legislação, tendo o fechamento do clube como consequência. Em 1989, depois de constantes tentativas, a participação de mulheres como associadas passou a ser aceita, e o Rotary Club de Marin Sunrise, na Califórnia, o qual se tornou o primeiro a integrar mulheres.

Em junho de 1990 a revista *Brasil Rotário* replicou um artigo da revista internacional *The Rotarian* intitulado *Mulheres imprimem sua marca*, com três subtítulos denominados *Como as mulheres rotarianas têm afetado o Rotary Internacional?*, *Ontem uma esposa de Rotariano, hoje uma rotariana* e, o terceiro, *Mulheres em Rotary – cronologia*.

A primeira chamada anunciou a decisão da suprema corte dos EUA e a declaração do diretor do Rotary Internacional sobre a admissão de mulheres como sócias. Em seguida, foi apresentado pela revista a existência de opiniões contrárias ao que diz respeito ao novo lugar ocupado pelas mulheres:

Uma mulher rotariana, uma possível contradição que terminou recentemente, em junho de 1987. Esta foi a data de uma declaração do diretor do Rotary Internacional em resposta a uma decisão da suprema corte dos EUA, estabelecendo que qualquer Rotary Club, em qualquer estado dos EUA podia admitir mulheres qualificadas em seu quadro social (NUGENT, 1990, p.14).

Com isso, ouve duas perspectivas que tomaram espaço das discussões, existiu, de um lado, o medo de que as mulheres se afastassem do lar e da companhia de seus esposos, de outro, houve um entusiasmo na possibilidade destas mulheres influenciarem seus maridos a participarem e se associarem aos clubes. Foi destacado, pela revista, que os sócios visaram determinada vantagem sobre o fato de as características femininas serem atreladas à bondade, caridade e altruísmo, pois viria a ser favorável para as ideias filantrópicas, uma das missões do clube:

Agora que as mulheres, como membros, são um fato na vida do Rotary Club- cerca de 20.000 em 30 países - quais tem sido as consequências? Têm as mulheres destruído a velha atmosfera do clube? Têm elas transformado as reuniões de clube em chás de bebê e reuniões de Tupperware? Tem elas trivializado programas e interferido nas tradições? Tem elas colocado em segundo plano o papel honorário de esposas de Rotarianos? (NUGENT, 1990, p. 14).

Esta preocupação da transformação do espaço masculino em um espaço compreendido como feminino, apenas foi aceita por parte dos rotarianos porque, no mesmo período, estava em

desenvolvimento uma feminilização da ação caritativa, gerando uma aceitação em espaços em que a mulher estabeleceria as mesmas funções atribuídas no espaço privado.

Isso ocorreu porque, a partir de meados do século XIX, passou a existir um aumento considerável, o que decorreu em uma maior abertura para a participação de mulheres de classes médias e da aristocracia em ações caritativo-filantrópicas no ocidente. O processo de urbanização resultou em uma preocupação maior com a questão social e o aumento da condição miserável de trabalhadores, tal cenário influenciou as ações destas classes por meio de uma produção literária e jornalística (MARTINS, 2015).

Com esta preocupação, o tipo de feminilidade da mulher materna e bondosa passou a ser pensada como útil, em virtude a uma função do desenvolvimento social, no caso da filantropia e caridade, a mulher atuaria como mãe dos pobres e miseráveis. O medo de que as mulheres transformassem o ambiente rotário em um local dito feminino, referiu-se a uma preocupação de que a identidade das associadas estivesse atrelada a outro tipo de feminilidade.

ou-têm, as mulheres, amenizado a atmosfera carregada de fumo e as brincadeiras, abrindo as portas a ideias novas? Têm elas trazido diferente calor humano e afabilidade e dado um tom gentil as reuniões do clube? Têm elas introduzido novos programas e projetos e tem conferido dinamismo aos clubes em andamento? (NUGENT, 1990, p. 14).

Foi perceptível uma maior movimentação direcionada à reivindicação de clubes rotários do mundo todo para a participação destas mulheres. Partindo especialmente de um âmbito masculino, os clubes apresentavam consolidados um ambiente considerado conservador e que mantinham traços estereotipados a este gênero, e, com a entrada e a figura feminina como uma das sócias que passava a figurar nos âmbitos administrativos, havia uma expectativa sobre a sua influência no que tange a necessidade de corresponder a uma feminilidade diferente aos movimentos feministas e os lugares alcançados pela mulher nos anos de 1980.

Mas, quanto as rotarianas, qual lugar desejaram ocupar dentro do Rotary? Para dar início a essa análise, serviu de inspiração as palavras de Michelle Perrot (2005) ao problematizar a desigualdade na escrita das mulheres, ao perceber que, na historiografia, elas são mais imaginadas do que descritas e contadas, abriu-se as portas para a iniciativa de uma escrita baseada em suas próprias experiências, devido a esse universo baseado em representações.

O primeiro eixo de análise da obra *Mulheres suas histórias e trajetórias* (2018) foi estabelecido com base nas senhoras de rotarianos da Casa da Amizade, por ter sido o primeiro espaço permitido a se vincularem. No geral, o resultado demonstrou que a maioria destas mulheres atuaram de forma massiva no Assistencialismo e Serviço social no Brasil a partir da década de

1930. No entanto, Ana Paula Vosne Martins (2016) problematizou a necessidade da contextualização do silêncio historiográfico referente às práticas assistencialistas femininas destas mulheres, principalmente por estarem sempre associadas aos seus conservadorismos.

De acordo com a autora, "é necessário repensar, tanto do ponto de vista conceitual quanto empírico o fenômeno ainda pouco conhecido do associativismo feminino na sociedade brasileira" (MARTINS, 2016, p. 1). Uma das hipóteses explicativas para o silêncio desta história existiu porque, nos finais da década de 1970, as produções historiográficas feministas viabilizaram a postura crítica da nova história social e, portanto, uma escrita dos sujeitos femininos descritos como excluídos da história.

Para a autora, o ideal é a não uniformização e generalização na escrita sobre estas mulheres, sem ignorar seus poderes, vinculados a suas classes sociais e práticas, considerou essencial revisar e atualizar os estudos na área para que não houvesse tal narrativa limitante (MARTINS, 2016).

Tendo em vista que estas representações foram, em sua maior parte, constituídas por homens, houve, também, a hipótese de que a prática da não aceitação de mulheres contribuiu efetivamente para um conflito de masculinidades.

A ação maior e clássica de afirmação da masculinidade é a desvalorização das mulheres e homens *gays*, é por meio desta desvalorização que as masculinidades hegemônicas conseguem construir suas identidades dominantes (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013).

Em Chicago de 1905, o capitalismo fora considerado desenfreado por Paul Harris, o que fora dimensionado através de grupos de homens milionários. Foi então que passou a figurar a possibilidade de uma ação de afirmação de masculinidade, especialmente porque Paul Harris e seus sócios não estavam satisfeitos com outra masculinidade que perpassava e os retirava do convívio, logo, as mulheres, passaram a estar em um patamar de inexistência.

Esta preocupação capitalista na criação do clube pode ser vista sob a perspectiva do *saint-simonismo*, apresentada por Gramsci (1932), no entanto, neste trabalho, destacamos que a ação da necessidade da identidade masculina rotariana, poderia competir com outras, especialmente perpassada pela não composição da imagem da mulher como principal emblema do Rotary, o que resultou em suas próprias narrativas demonstrando que sua participação no clube nunca esteve desvinculada, primordialmente, da imagem da família.

O estudo de como a imagem do homem rotariano foi estabelecida no Brasil poderia dar continuidade em outros trabalhos, por ora, nos ocupamos em compreender como as mulheres rotarianas foram representadas e, especialmente, como suas experiências foram retratadas sob suas

próprias perspectivas, ou seja, a história das mulheres sendo contada e registradas a partir de suas percepções e intencionalidades.

# 2.2 Senhoras de Rotarianos, suas histórias e trajetórias

Imagem 2: Ilustração da narrativa de Maria Luiza Dionísio Gonça



**Fonte**: Livro Mulheres, suas histórias e trajetórias (ROTARY CLUB DISTRITO 4480, 2018, p. 77). **Nota**: Ilustração de Fábio Bocchi.

A obra *Mulheres, suas histórias e trajetórias* (2018) apresentou não apenas a consolidação de algumas representações, já anteriormente analisadas, sobre as esposas de rotarianos, mas, também, ajudou a compreender de que forma tais representações foram constituídas em suas memórias por meio das suas narrativas.

Estas narrativas apresentaram forte influência de uma memória coletiva de grupo, partindo daquilo que fora construído até então sobre qual seria a mulher rotariana ideal. Sob uma influência maior de uma feminilização da filantropia, as senhoras de rotarianos demonstraram condizer com a ideia de bondade e de família, apresentando diferença quanto às sócias, líderes e governadoras.

Na ilustração de Fabio Bocchi, apresentada na Imagem 2, é possível visualizar uma mulher jovem com quatro sonhos em destaque, sendo o primeiro relacionado ao casamento, o segundo à maternidade, o terceiro à realização profissional e social e o quarto à prática da religiosidade e fé. Essa ilustração demonstrou para além da representação de uma identidade, mas de várias outras que se assemelham quando o assunto é a experiência das senhoras de rotarianos no Rotary Club.

A exemplo de Maria Luiza Dionísio Gonçalves que, ao narrar sua história sob a perspectiva da relação com o clube, expressou seus sonhos de juventude e qual foi a importância da associação na concretização dos seus ideais e nos planos de adquirir êxito em seus planos por meio de seus próprios esforços. Ao narrar sobre a conquista da família, do sucesso profissional e dos filhos, a mesma disse que então "surgiram muitos chamados para o trabalho assistencial, para solidificar aqueles sonhos da juventude" (ROTARY BRASIL, 2018, p. 77).

Ao expressar orgulho da posição estabelecida, demonstrou entusiasmo em, ainda, poder contribuir com as ações humanitárias do Rotary, tendo em vista que "Enquanto houver energia estarei presente onde quer que minha presença possa contribuir para construção de um mundo melhor" (ROTARY BRASIL, 2018, p. 77).

A disposição de Maria Luiza esteve atrelada a uma conquista dupla, a de estabelecer um vínculo social com o mundo por meio das ações humanitárias e os sonhos pessoais em sentir-se realizada na vida matrimonial, o Rotary, para ela, contribuiu na solidificação dos dois objetivos — a benevolência e disposição caritativa e a função materna e de esposa - foi o que contribuiu para definir os padrões de feminilidade das senhoras de rotarianos no Rotary Club brasileiro.

A benevolência como característica essencial na feminilização da filantropia faz parte de um longo processo travado pelo discurso religioso, médico e jurídico que fez com que algumas virtudes fossem repensadas através do desenvolvimento das funções de gênero. A bondade, no processo da modernização, é um dos objetos das mulheres de classes sociais altas que direcionaram suas funções à caridade e à filantropia, pois, excluídas dos espaços, públicos encontraram no

espaço privado sua virtude, em destaque na função da regeneração da ordem moral e social dentro da sociedade.

As mulheres das elites e das classes médias passaram a ser associadas às virtudes regeneradoras da ordem moral e social e a uma concepção natural de bondade, altruísmo e dedicação aos necessitados, valores presentes tanto nas ações de motivação caritativa quanto na organização racionalizada da filantropia, na definição e implementação das políticas assistenciais e na organização das profissões femininas criadas a partir da experiência heterogênea dos cuidados (MARTINS, 2013, p. 143).

O espaço privado das mulheres no Brasil na década de 1930, período em que foi aceito a fundação da Casa da Amizade para acompanhar os clubes nacionais, fora constituído por uma lógica matrimonial, especialmente das mulheres de classes sociais altas, que, mesmo estabelecidas na caridade, deveriam propor segurança e participação ativa familiar.

Este padrão permaneceu estabelecido na associação nas décadas seguintes, o que é possível visualizar com as próprias narrativas e, inclusive, na permanência da associação mesmo que houvesse a permissão de entrarem como sócias na década de 90.

O depoimento de Ângela Figueiredo Fulas a respeito da sua participação desde a década de 1990 no clube, demonstrou o quanto estas características foram mantidas:

No mês de julho de 1993 eu e meu esposo iniciamos nova etapa em nossa vida conjugal, participando do Rotary Club de Olímpia. Celso como rotariano e eu como dama da Casa da Amizade, abrindo nosso leque de amizades (ROTARY CLUB, 2018, p.15).

A separação inexistente dos vínculos familiares, na narrativa de Ângela, demonstrou a importância que a família possuiu em sua história individual. Ao narrar sobre si, expôs, também, sobre o local do esposo, isso pode ser visto quando expressou que o clube trouxe benefícios para ambos, estabeleceu um espaço de "nós" e não apenas como "eu", demonstrando que sua trajetória no clube fez parte da sua trajetória como esposa.

Este espaço foi narrado mesmo ao retratar sua posição política no clube, ambos com posições de liderança e gestão distrital. Ângela narrou a participação na tesouraria, o acolhimento de intercambistas e a fundação de um *Interact Club* em sua cidade, como uma ação conjunta a do seu esposo, posteriormente, a participação do filho como jovem *Interact* também foi evidenciada, apresentando sua responsabilidade na participação de toda a família na gestão. Esse tipo de formato é nomeado como família rotária, sendo muito comum nas narrativas das senhoras de rotarianos no Rotary.

O vínculo familiar como uma característica feminina foi o fator principal da função da mulher aceita entre os homens rotarianos, por este motivo, é o mais recorrente na narrativa,

juntamente com as memórias da família e do matrimônio. A seguir, a ilustração de Fábio Bocchio retrata a sua percepção relacionada à narrativa apresentada por Ângela Figueiredo Fulas:

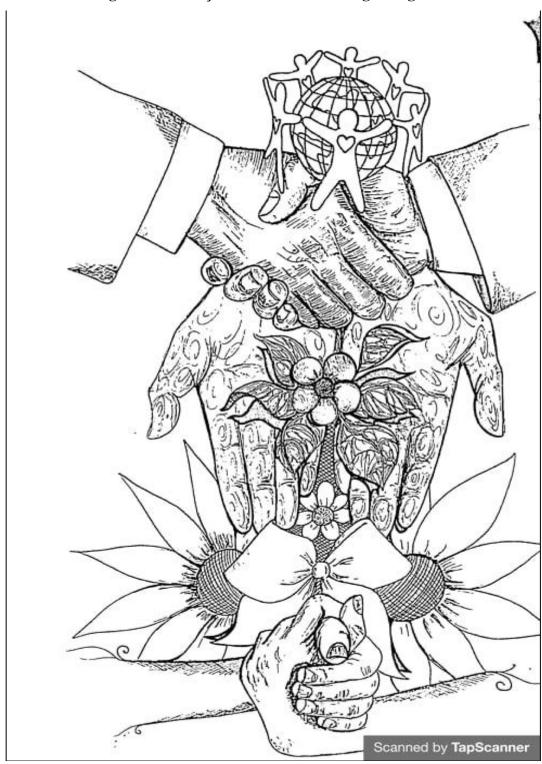


Imagem 3: Ilustração da narrativa de Ângela Figueiredo Fulas

Fonte: Livro Mulheres, suas histórias e trajetórias (ROTARY CLUB DISTRITO 4480, 2018, p. 18).

Nota: Ilustração de Fábio Bocchi.

A representação da Imagem 2 expressou o significado desta importância da família rotária na narrativa de Ângela, as primeiras mãos simbolizando as negociações e arrecadações que a rotariana conseguiu estabelecer em sua trajetória no clube, abaixo, suas mãos criam um elo com a união entre ela e seu marido, levando a uma compressão de que uma ação foi possível devido a outra, junto a sua afirmação conclusiva:

Em 2015 meu esposo e companheiro rotariano, conforme normativas do distrito 4480, assumiu como governador assistente do grupo 6 [...] onde sempre o acompanhei em suas visitas periódicas aos clubes, dando suporte para as Casas da amizade, aumentando em cada visita nosso elo de amizade, fortalecendo assim o companheirismo. Acompanho-o também em treinamentos [...] sentindo-me muito feliz em fazer parte desta grande família rotária (ROTARY CLUB, 2018, p.15).

Foi possível compreender que, de certa forma, suas narrativas estiveram encabeçadas na ideia de um protagonismo dentro do clube, no entanto, a posição coadjuvante também existiu na medida em que suas ações não foram totalmente independentes, apesar de existir satisfação em estarem acompanhadas da família, esta satisfação, aparentemente, esteve conectada com a ideia de um sucesso na completude, por conseguir estabelecer uma função útil socialmente sem deixar de estabelecer uma função como esposa, o que, para essas mulheres era significativo.

Os afazeres domésticos e o trabalho externo são colocados como uma tripla jornada junto ao serviço comunitário, uma continuidade do espaço privado atrelado ao cuidado feminino. Eliane de Fátima enfatizou esta característica ao falar sobre a visão que tem de si e de suas companheiras da Casa da Amizade:

O que mais me chamou a atenção e fiquei impressionada foi a luta e o empenho que as companheiras da casa da amizade de Itápolis fazem o seu trabalho, pois nos dias de hoje não está fácil, tempos muitos afazeres domésticos, muitas trabalham fora e mesmo assim arrumam um tempinho para dedicarem-se a esta empreitada que é a casa da Amizade (ROTARY CLUB, 2018, p. 41).

A sociabilidade rotária foi um assunto comum nas narrativas das mulheres no clube. Especialmente porque teve início nestes eventos, a amizade com outras companheiras e famílias e, também, onde as filhas solteiras podiam conhecer pretendentes rotarianos. As festas aconteciam entre rotarianos e familiares, sendo comum a entrada de novos sócios por meio destes encontros festivos, como pode ser observado no depoimento de Fernanda Fonseca:

Em uma agradável noite de outono, estávamos nós, companheiras da Casa da Amizade o Rotary Club de pindorama, reunidas em minha residência para resolver os últimos preparativos da nossa festa do vinho e do queijo [...] Foi através de um desses encontros que mudou a minha vida. [...] Conheci meu marido, Luíz Carlos Trabuco em uma linda

noite de inverno na vigésima festa do Vinho e do Queijo do Rotary Club de pindorama. Meu marido foi um dos idealizadores desta festa. Está no Rotary há mais de trinta anos participando efetivamente deste clube de serviços. Sinto gratidão de me incluir nessa família rotária (ROTARY CLUB, 2018, p.45).

Nota-se que, apesar da participação da Fernanda, já acontecia no clube por estar participando do evento, no entanto, a memória escolhida sobre a importância do clube foi o fato do evento ter proporcionado o arranjo do casamento, a partir de então, sua narrativa se estabeleceu na trajetória do esposo no clube, o fato de ele estar associado há mais de 30 anos a tornou pertencente, considerando fazer parte da família rotária.

Há, com isso, uma intencionalidade nas narrativas em criar uma memória oficial rotária, no conjunto e estrutura de uma família, a função como mulher é estabelecer essa harmonia do grupo, da mesma forma em que estabelecia a harmonia no lar.

Estar atrelada à essa função demonstrou uma representação mais coadjuvante da mulher no clube, tendo em vista que os clubes de serviço eram espaços do público, os sujeitos deveriam estar estabelecendo funções de sociabilidade e participação mais coletiva e não tão individualizadas como percebia-se nas funções familiares, do espaço privado.

No entanto, com esta narrativa, foi perceptível que os eventos sociais rotários acabaram por facilitar a entrada de mulheres solteiras porque abriam a possibilidade para que se tornassem senhoras de rotarianos e aí então participar do clube de forma indireta. O cunho de sociabilidade dos eventos festivos tornava propício a criação destes vínculos e contatos para a chamada de novos participantes.

Os homens acabavam por atribuir esta função do público, mesmo que em momentos festivos suas esposas e filhos participassem, as manifestações públicas e reuniões, a locais em que a sociabilidade escapava da lógica privada, ainda fora ocupada pelos esposos, não surgindo uma participação diferente desta nas narrativas das senhoras de rotarianos.

As práticas de sociabilidade dentro do Rotary Club foram enaltecidas em suas revistas, fotografias, jornais e boletins rotários. Essas publicações estão repletas de descrições de festas, jantares, chás e eventos planejados pelo clube, paralelo a estas, também, outras sociabilidades planejadas como as reuniões, congressos e encontro dos distritos. Dentro da perspectiva de Lucas Domingues Guimarães (2008) podemos definir e diferenciar essas sociabilidades como formais e informais:

É possível proceder também a uma classificação dos espaços de sociabilidade de acordo com o grau de formalidade da sua práxis. Vimos locais onde os encontros transcorriam em clima de plena informalidade, livres de quaisquer regimentos. Em outros, a sociabilidade estava sujeita a normas próprias (GUIMARÃES, 2008, p. 142-143).

A sociabilidade formal correspondia aos encontros dos rotarianos em suas casas e escritórios. Esses encontros, apesar de poder existir uma interação não formal, tinham o objetivo da criação de projetos, atas e burocratizações, nestas reuniões só eram permitidos a presença masculina e de associados, mesmo no espaço privado as senhoras de rotarianos se transferiam para outros cômodos, ou no caso de estarem presentes, estabeleciam uma função de cuidado como organização e decoração do espaço.

Novamente apresentando uma diferença entre os gêneros, as narrativas das senhoras de rotarianos não apresentaram elas inseridas nessa sociabilidade formal, esta estrutura influenciou na não aceitação, mesmo que indireta, das mulheres como sócias, em uma relação de domínio de espaço, os homens lhe atribuíram uma fronteira.

As sociabilidades não formais existiam nos encontros dos rotarianos durante as festas, jantares e eventos, era nesses espaços, também, que a família e as mulheres eram permitidas de estarem presentes e participarem. A sociabilidade informal foi de extrema importância para que as mulheres passassem a pertencer, mesmo que ainda de forma tímida, porém significativa na influência de decidir inserir-se de formar efetiva nas reuniões formais, tendo em vista que era um momento de significativo contato com outras mulheres e, também, rotarianos.

Essa participação, dita como tímida, pode ser interpretada como uma ação tática de conseguir protagonismo maior e, também, visibilidade no meio rotário, neste momento, os assuntos poderiam estar conectados ao ambiente privado, mas compartilhavam as ideias que o clube desenvolvia, possibilitando uma outra fonte de participação.

A senhora de rotariano Maria de Lourdes Palhares Queiroz foi presidente da Casa da Amizade e entrou no clube por ter casado com um rotariano, de acordo com sua narrativa, sua história de vida esteve totalmente entrelaçada com as experiências vividas no seio do clube. Após conhecer seu marido, Maria de Lourdes afirmou, "casei-me com um rotariano e até diria que me casei com o Rotary, tal era a devoção que meu marido empregava na instituição desde os primórdios" (ROTARY CLUB, 2018, p. 67).

Com a participação ativa do esposo nos cargos do clube, tornou-se presidente e, com isso, "Congreguei as companheiras em um grupo de sincera e calorosa amizade e fomos, todas, peças fundamentais aos êxitos dos nossos maridos naqueles dois anos" (ROTARY CLUB, 2018, p.67). Maria de Lourdes narrou sua trajetória como senhora de rotariano desde a década de 60, apresentando, também, outros espaços em que precisava estar:

visitas oficiais e aproveitava a oportunidade para reunir-me, em separado, com as esposas dos rotarianos para proferir uma palestra de cunho inspirativo e estimulador [...] adotei, então, uma iniciativa que me pareceu pioneira e que acredito estar sendo seguida até hoje. Enquanto Batista participava das sessões de treinamento dos governadores, reunia-me com as suas esposas e cuidava do treina-las também, para o desempenho da não menos importante missão de esposas do governador (ROTARY CLUB, 2018, p.67).

O caráter de organizar-se em segredo com outas senhoras de rotarianos expressou uma forma tática de conseguir participar do clube, apesar da afirmação de que o objetivo era treinar outras mulheres como boas esposas, o fato de estarem juntas coletivamente acabou influenciando outras pautas que vieram a surgir nas décadas seguintes, esta ação, mesmo que tímida, resultou em consequências na busca por autonomia de futuras governadoras e clubes mistos.

A possibilidade de senhoras viúvas continuarem a participar do Rotary foi uma porta de entrada para influenciar nas tomadas de decisão, o interessante na narrativa da ação destas mulheres é que o protagonismo modifica-se demonstrando ter uma participação mais ativa nas decisões e ações de caridade, como no caso de Hermione Elly.

Hermione Elly é viúva de rotariano e, antes de se tornar sócia, fez parte por 10 anos da Casa da amizade. Sua participação no Rotary Club, até a escrita do depoimento, somou 33 anos. Diferente das trajetórias de outras mulheres no clube, Hermione trouxe consigo a experiência de esposa e de sócia, sua trajetória no clube, portanto, é marcada por um período anterior e posterior a morte do marido (ROTARY CLUB, 2018, p.47).

Nota-se que existiu uma aceitação da sua posição por ser viúva, com isto, a liberdade de poder estabelecer a honra do marido falecido, demonstrando que seria apenas uma sequência do que ele já havia realizado no clube enquanto estava vivo, essa postura demostrou que era aceito como senhoras de rotarianos casadas ou viúvas.

Não havendo possibilidade de estabelecer projetos na Casa da Amizade, pois não estava mais estabelecida com um rotariano, esta ação abriu brechas para que o espaço feminino fosse reivindicado, tendo em vista a participação regular de mulheres na organização.

A participação dos homens nos clubes também veio a gerar conflitos familiares, ou mesmo ciúmes, devido a dedicação e ao aspecto privado que o Rotary possuía por causa do formato das reuniões e da organização ser voluntária. De forma estratégica, houve um investimento na publicidade de que as mulheres participassem e apoiassem os maridos para que o clube não fosse enfraquecido e, também, como uma forma de manter estabelecida a ordem moral privada.

O depoimento da governadora do distrito, Maria Cristina Noceti Lopes, expressou uma destas situações, Maria Cristina narra que a sua entrada no clube não foi algo que a agradou desde o início:

Vim a conhecer Rotary quando nos mudamos de São Paulo para São José do Rio Preto, em meados de 1985.[...] Foi quando meu marido Gaber foi convidado a fazer parte de um grupo, cujo objetivo era fundar um Clube Rotário, com a finalidade de homenagear os cinquenta anos de fundação do mais antigo clube de São José do Rio Preto [...] então, só pude ver no clube recém fundado uma única consequência: retirar meu marido do convívio familiar uma vez por semana. Não foi fácil, ainda mais porque eu era nova na cidade e não conhecia quase ninguém. Vejam que não foi agradável o meu conhecimento inicial de Rotary, efetivamente, eu não gostava dele (ROTARY CLUB, 2018, p. 63).

O estudo das representações da participação das mulheres no clube foi recorrente a preocupação dos homens rotarianos na insatisfação de suas esposas em ter o marido ausente no convívio familiar. Esta preocupação, inclusive, deu origem a textos direcionado às esposas na folha da Casa da Amizade, para que essas mulheres entrassem no Rotary visando diminuir esse conflito. A partir da trajetória de figuras como Maria Cristina, percebe-se que esta entrada foi fortalecida pela ideia da aproximação da família, pautado na busca por melhorias sociais:

Com o tempo, descobri que o Rotary não era o que eu pensava e nem existia para me tomar o marido. Ao contrário, acabei me convencendo de que se tratava, realmente, da maior e mais significativa entidade de alcance mundial, voltada unicamente para o bem da humanidade. E, contrariamente a impressão inicial, descobri que Rotary, em verdade, é importante fator de união familiar, elegendo a família como célula formadora do tecido social e preocupado com seu fortalecimento, como providência indispensável a solução da maioria dos problemas do mundo (ROTARY CLUB, 2018, p. 63).

A narrativa da Maria Cristina demonstrou que um dos objetivos do clube, com a participação das senhoras de rotarianos, foi estabelecer uma união familiar, pois eles julgavam que era através da família o caminho da constituição do tecido social provedor das melhorias necessárias para o mundo. Desta forma, viria a estabelecer relações familiares, devido a participação ativa de todos na organização.

Não houve, nesta narrativa, a percepção de qual tipo de família seria aceita, mas pode-se entender que se existisse algo que saísse da norma tanto no espaço familiar quanto na organização, as senhoras de rotarianos deveriam proporcionar essa harmonia pelo sucesso de ambos.

Além disto, essas narrativas demonstraram que, apesar de cada depoimento possuir suas particularidades, a representação e importância da constituição da família para participar como mulher rotariana foi essencial para ambos contextos. A permanência da existência da Casa da Amizade e da Associação das senhoras de Rotarianos, mesmo com a permissão pela convenção dos EUA da participação como sócias, ainda foi sólida e influente no ideal de mulher em clubes de serviço.

No entanto, esta relação direta com a família não fora apenas um fator da representação de feminilidades comuns em outros espaços que não os clubes de serviço, mas, especialmente,

expressou a representação do fator de essas características serem relacionadas ao que representa a filantropia.

A questão de gênero e assistencialismo no Brasil possui, em seu histórico conceitual, determinada influência na teoria política e no pensamento moderno de formação do estado brasileiro. As mulheres de classes sociais privilegiadas, desde a década de 1930, têm sido referenciadas em ações caritativas e de assistência social no cuidado aos pobres, idosos e crianças por serem consideradas naturalmente dotadas de um dom maternal. Não é incomum, portanto, que estas mulheres tenham sido encaminhadas às profissões conectadas à educação, saúde e serviços sociais (MARTINS, 2013).

Maria de Lourdes, que estabeleceu esta longa jornada como senhora de rotariano, acredita ser o Rotary responsável por tê-la aberto oportunidades e sentimento de vocação para outros projetos que realizou durante a sua vida, declarou que foi ouvinte de problemas familiares no rádio e, também, se tornou doula e defensora do parto normal. Suas ações foram justificadas pelo sentimento e o ideal de "servir" que o Rotary proporcionou, o que, apesar de vir evidenciar uma feminilidade dos cuidados, foi importante em proporcionar um caminho para sua autonomia.

É compreensível que o contexto brasileiro de formação de um estado moderno ainda é recente e influente nas decisões políticas da contemporaneidade. E, se as mulheres ainda são identificadas como dotadas de uma naturalidade para as políticas assistenciais, os pilares essenciais de desenvolvimento (educação, saúde e serviços sociais) ainda estão recortados por uma influência de gênero, mesmo que estereotipados.

As senhoras de rotarianos, junto às casas de amizade, participaram do berço do assistencialismo no Brasil, mas, ao mesmo tempo, a dedicação e busca por autonomia política em seus espaços deram abertura para a reivindicação dos Direitos Humanos e sociais e, inclusive, os passos para a luta por uma assistência social garantida pelo Estado aos grupos marginalizados.

O impacto da feminilidade do cuidado e benevolência pôde ter sido planejado estrategicamente como uma forma de organizar os corpos femininos e estabelece-los para a efetivação de uma hegemonia e um poder masculino, no entanto, a História demonstrou, através das narrativas e conquista das mulheres, que suas posições e identidades foram ressignificadas independente dos locais e espaços que ocuparam.

#### 2.3 Governadoras e presidentes, narrativas das lideranças de mulheres no Rotary Club

As narrativas das mulheres governadoras ou associadas aos clubes mistos no Rotary Club se assemelharam, mas, também, se diferenciaram das senhoras de rotarianos em vários aspectos, essas mulheres são da segunda geração. Pertencentes da influência dos movimentos de mulheres no Rotary dos EUA, para a associação livre, sejam como sócias e/ou candidatas, suas identidades foram mais influenciadas pelos processos sócio-histórico vivenciados e, por isso, acabaram por apresentar narrativas críticas quanto a organização masculina e a uma maior disposição quanto a participação na política interna.

Existiram, também, algumas semelhanças quanto ao nível de classe e casamento, no entanto, a representatividade da organização demonstrou ter impactos diferentes na forma como foi narrada sua trajetória no clube. Brigitte Barreto, Adélia Antonieta Villas e Vera Canto Bertagnoli foram 3 mulheres que estabeleceram posição de liderança como rotarianas e que trouxeram, em suas histórias, uma compreensão de sujeito e conjuntura histórica alavancando a luta por suas conquistas.

Brigitte Barreto foi uma das três primeiras associadas ao Rotary Club do Rio de Janeiro (distrito 4571). Em setembro de 1989, exatamente no período em que houve a admissão de mulheres no clube. De acordo com ela, o convite partiu de outra associação que participava:

Sou uma das primeiras que ainda está aqui. Nós éramos três. Éramos da Associação Comercial do Rio de Janeiro e nossos padrinhos fizeram muita questão de que viéssemos para o Rotary. Sabíamos que eles queriam que entrássemos para o clube, e deu certo (ROTARY CLUB, 2019, p.36).

O fato de Brigitte ter sido convidada por parte de uma outra associação, demonstrou uma das diferenças quanto a posição das senhoras de rotarianos, tendo em vista que a porta de entrada foi estabelecida por um outro espaço em que ela obteve destaque, no entanto, a influência da posição do marido também pôde ter sido um dos fatores, já que, em sua narrativa, ela relembra sua posição.

Aqui podemos ver um maior engajamento e participação, expressando um outro local como lugar, mas atribuindo com isto uma outra feminilidade ideal de participação, ao ainda dar continuidade a outros padrões como a relação com o marido.

Além disto Brigitte enalteceu o fato da vivência adquirida ao assumir os negócios da família após a morte do marido, semelhante a narrativa da senhora de rotariano viúva que acabou estabelecendo liderança nas organizações rotárias. Apesar da porta de entrada de Brigitte não ter sido a união estável com um rotariano, o fato de ter estado em espaços de gestão e administração, por ser esposa de político, acabou chamando a atenção para uma nova identidade rotariana.

Meu marido foi político e, nesse ponto, tive na vida essa oportunidade de falar com pessoas que eu não conhecia, o que acho maravilhoso. São coisas da vida. Isso de falar com as pessoas me vem naturalmente. Sempre lidei com muita gente. Primeiro: tenho seis filhos. Segundo: quando meu marido morreu, assumi a fábrica. É interessante, porque você tem uma vivência (ROTARY CLUB, 2019, p.36).

Brigitte foi capaz de reconhecer os espaços e dificuldades das mulheres na vontade de participação e, com isso, foi possível perceber a diferenciação da competência masculina e feminina, há, neste ponto, um discurso de reconhecimento das diferenças de poder estabelecidas entre os gêneros e especialmente na noção sujeito histórica da dificuldade que as mulheres tiveram em lutar pela independência no Rotary Club Internacional:

Nos Estados Unidos, as mulheres haviam ido a justiça pelos direitos iguais e conseguiram ser aceitas no Rotary, mas mesmo na Europa havia países que não aceitavam, não tinha jeito. Porque os homens, quando estão entre si, se comportam de forma diferente. Se houver uma mulher no meio, eles já não podem se expressar como querem ou como imaginavam [...] de qualquer forma, dizem que as mulheres deram um empurrão para frente, porque, quando a mulher assume alguma coisa, ela realmente vai em frente (ROTARY CLUB, 2019, p.36).

No entanto, outra característica comum às senhoras de rotarianos foi a expressão da importância do engajamento e competência da mulher em estabelecer sucesso em várias funções ao mesmo tempo, incluindo as que dizem respeito à rotina domésticas e profissional:

Acho que essa é a qualidade da mulher já que ela trabalha como profissional e em casa, são vidas diferentes que consegue conciliar, e acho que isso é interessante, porque elas desempenham aquilo que lhe pedem e vão bem (ROTARY CLUB, 2019, p.36).

A sequência da narrativa de Brigitte Barreto, inclusive, enalteceu outras mulheres que, assim como ela, possuíram essa trajetória no clube ao elogiar o sucesso em todas as esferas esperadas, sua narrativa foi concluída com o discurso de que o Rotary foi um lugar bom e diversificado por ter proporcionado a oportunidade de que estas mulheres pudessem se engajar politicamente.

A narrativa de Adélia Antonieta Villas apresentou uma perspectiva mista por ter participado como esposa de rotariano e, também, como rotariana, atuando em duas unidades de Rotary Club, sua narrativa apresentou um discurso questionador quanto aos locais estabelecidos pelos homens no clube e das triplas jornadas da mulher como sócia.

Adélia começou a acompanhar o Rotary Club a partir da admissão do marido em 1980, e, enquanto ele participava como sócio, ela procurava ler todas as publicações do clube afim de

conhecer a organização por perto. Neste período se estabeleceu apenas como esposa de rotariano, trabalhando junto com as senhoras de rotarianos:

Até a admissão da mulher como associada, foram anos de parceria das esposas com seus maridos rotarianos. Trabalhávamos muito e, como reconhecimento, recebíamos um distintivo que representava o esforço despendido: a figura de uma abelha ornada com pedras (ROTARY CLUB, 2019, p.38).

Ainda assim, esta posição aparentemente lhe causou incomodo, devido a estrutura de decisões estabelecidas no Rotary, em que as esposas de rotarianos não tinham o direito de tomar decisões, o protocolo estabelecia que as mulheres podiam se expressar apenas através da palavra do marido, o que causava menos autonomia e impossibilidade na prática da liderança, demostrando ser uma vontade por parte de Adélia, apresentando mais uma característica diferenciadora da identidade rotariana:

A prática protocolar era de que somente rotarianos ou os palestrantes tinham acesso a tribuna, de tal modo que, se tínhamos uma ideia, um projeto a propor, era sempre através da voz do marido. Votar nem pensar. Isso fez toda a diferença na hora de aceitar o convite para me juntar a outros profissionais na criação de um clube misto (ROTARY CLUB, 2019, p.38).

Agir contrariamente a este protocolo foi possível, apenas, por meio da participação em 1991 no Rotary Club Guanabara, composto por homens e mulheres, tendo em vista que sua posição como senhora de rotariano não poderia lhe dar autonomia política. Entretanto, Adélia afirmou ter encontrado dificuldades em convencer o esposo que ainda se dedicaria às funções do outro clube, estabelecendo uma necessidade de negociação política interna na qual houve influência da relação com o marido, materializando o fundamento de família rotária na tomada de decisão conjunta.

Adélia afirmou que, além desta dificuldade, os próprios clubes que recebiam mulheres tinham forte resistência quanto a admissão de mulheres profissionais, havendo um limite no número de associadas. Apesar de ter sido necessário procurar outro clube misto, a jornada na busca de outras associadas acabou fazendo parte de um dos objetivos do clube de Guanabara, apresentando mais uma característica das rotarianas associadas sendo está a liderança profissional:

Para fazer parte de um Rotary Club, era necessário o profissional trabalhar ou residir no território do clube, muitas mulheres exerciam liderança profissional na nossa comunidade e não foi difícil encontrar 18 delas para se associarem. Formamos um grupo de 28 fundadores no total. Após a incorporação do Rotary Club do Rio de Janeiro Galeão, nosso padrinho, foi formado o Rotary Club do Rio de Janeiro Guanabara Galeão, em julho de 2011. Somos 31 associados, sendo 15 mulheres (ROTARY CLUB, 2019, p.37).

O interessante na narrativa de Adélia foi exatamente os vários caminhos enfrentados a partir da decisão de se tornar sócia. O primeiro deles, em seu local como esposa de rotariano sendo está uma condição de posição interna que estava estabelecida no clube e, também, de negociação com o companheiro, o segundo fato reside na necessidade de fundar um clube misto para conseguir se associar e, o terceiro, na busca por outras profissionais mulheres na comunidade:

Pessoalmente, enfrentei o desafio de convencer meu marido de que, apesar de ser rotariana, não deixaria de ajudar a apoiar as ações do clube padrinho. Trabalhei dobrado. As esposas contribuíam para a Casa da Amizade do Rio de Janeiro, assim como as novas associadas. Colaborei duplamente com essa instituição durante anos, como esposa e como rotariana (ROTARY CLUB, 2019, p. 37).

Outro fator diferencial foi a narrativa voltada para a gestão e conquistas dos clubes, na narrativa de Adélia, foi possível perceber um maior afastamento da relação do esposo com as próprias conquistas e do clube, expressando maior autonomia e decisão política.

Adélia narrou os desafios coletivos de parcerias e negociações, sobre as demandas locais atendidas e os projetos da vacina contra a Poliomielite, a imagem de si como autônoma e protagonista foi evidenciada:

Ao ser eleita governadora, ouvi de muitos rotarianos e de alguns governadores que haviam lutado por anos pela entrada da mulher no Rotary. Por coincidência ou não, não eram os meus mentores no Rotary. Lia muito e não reconhecia oficialmente nenhum crédito verdadeiro nessas afirmações. A verdade sobre uma mulher chegar a ter o direito de ocupar esse honroso cargo é baseada em uma longa história na qual muitos deles não se incluíam. A liderança no Rotary não é gratuita, é resultado de muito serviço. Não me sentia devedora aos que assim se manifestavam (ROTARY CLUB, 2019, p.38).

Ainda convicta em sua afirmação, apresentou a estatística de um ano após ter conquistado o direito de acesso da mulher ao Rotary, 20.200 rotarianas somavam em 12 meses, 808 clubes novos e que este fator foi uma conquista coletiva das mulheres. Embora significativo, destinar nosso olhar apenas a essa estatística, poderia vir a desmerecer a consequência fundamental das mulheres no Rotary Club e os benefícios que a participação feminina trouxe a todos os níveis.

Em sua narrativa, Adélia demonstrou, contudo, conhecimento a respeito das conquistas femininas, principalmente ao problematizar o espaço da mulher na participação política e enaltecendo os ambientes conquistados no ensino superior, quanto, aos 84 anos de luta para participação efetiva das mulheres, concluiu que:

Foram necessários 84 anos para que essa presença positiva-e mesmo fundamental-confirmasse as palavras de Paul Harris: "O Rotary deve ser evolucionário todo o tempo, e revolucionário as vezes". O que se aplica, historicamente, a esta conquista: 84 anos

apenas como 'homens de negócios', os últimos 30 anos, como "pessoas de negócios" (ROTARY CLUB, 2019, p.39).

Semelhante ao discurso de Eugenia Hamman, décadas antes, Adélia utilizou-se de Paul Harris em sua narrativa, esta postura diferenciadora de outras mulheres que ocupavam apenas o cargo de esposas de rotarianos demonstrou que a expressão de seus descontentamentos se direcionava a Paul Harris, e não necessariamente aos seus maridos. Desta forma, Paul Harris não simbolizou o clube, o coletivo, ao contrário, o foco viria a direcionar o discurso aos seus maridos caso ainda tomasse de uma postura coadjuvante.

Adélia adquiriu o título de primeira governadora de distrito brasileira, sendo eleita, em 1998, presenciou os primeiros anos de admissão da mulher no Rotary Brasil e, sua narrativa, expressou não apenas características comuns as outras governadoras e líderes, como a qualificação profissional e característica de liderança, por exemplo.

Adélia problematizou a conjuntura atual de muitos clubes não admitirem mulheres como sócias, alegando que "A história parou no tempo em 1989 para eles? É difícil crer que esses clubes sejam melhores do que os mistos, que não possam prestar melhores serviços por causa da mulher, ou, ainda, que não existam boas profissionais em seu território de ação" (ROTARY CLUB, 2019, p. 38).

Outras governadoras compactuaram do mesmo pensamento a respeito da posição da mulher no Rotary e, inclusive, dos avanços que ainda são necessários. Vera Canto Bertagnoli, idealizadora da obra *Conversando com as governadoras do Rotary* (2019)<sup>6</sup>, foi governadora entre 2007 e 2008 e, também, presidente do Rotary Club de Belém-Norte, PA. Sua trajetória teve início como senhora de rotariano na Casa da Amizade e, de acordo com a rotariana, este momento foi essencial no estabelecimento de vínculos e inserção dentro do clube.

Nota-se que, na narrativa de Adelia e Vera, há caracterização da identidade da rotariana assumir uma profissão empresarial, aparentemente, existe orgulho nesta posição, tendo em vista ser uma característica ressaltada nas narrativas:

Vivemos em um mundo de mudanças e se faz necessário trabalhar com os rotarianos e clubes que ainda resistem a presença do sexo feminino. É preciso refletir com eles que a diversidade, tanto no mundo empresarial como nas organizações, não é apenas uma questão de igualdade de oportunidades e justiça social. Políticas de incentivo voltadas para mulheres e outras minoras têm mais "eficácia inovadora" (ROTARY CLUB, 2019, p.39).

77

<sup>6</sup> BERTAGNOLI, Vera Canto. Conversando com as governadoras do Rotary. Rotary Club: Distrito 4560, Minas Gerais, set. 2019.

Aparentemente, de acordo com Vera Bertagnoli, o fato de existir um maior acolhimento e aceitação das mulheres no clube, vem a ser um fator de inovação. Isto porque, este um discurso coexiste com a identidade de homens e mulheres de negócios cujo objetivo geralmente está associado ao sentido de desenvolvimento e estratégias. A narrativa de Vera demonstrou que a mulher rotariana se caracteriza por este tipo de pensamento e que procura colocá-lo em prática na gestão da organização.

Ainda assim, a representatividade feminina foi debatida como uma necessidade que, de certa forma, foi alavancada exatamente pelo fato de o clube ser um ambiente de conservadorismos, o protagonismo das mulheres neste discurso aparece como reação a uma relação de poder instituída internamente, expressando uma ação tática no discurso de inovação.

O Rotary mudou com a inserção da figura feminina. Ao modificar a atitude, passa a reconhecer que a equidade de gênero é um caminho sem volta. É preciso de cultura, para estruturar iniciativas que garantam a representatividade da mulher em todos os clubes e cargos de liderança. É preciso neutralizar os vieses inconscientes de competitividade e egos dentro do Rotary (ROTARY CLUB, 2019, p. 39).

Esta mudança no discurso foi significativa, especialmente se considerarmos que rotarianas na posição de governadoras assumiram o Rotary Club como um espaço com necessidade de mudanças, e que tais transformações deveriam partir da própria organização. Não há um afastamento ou rejeição do clube, e, sim, a vontade de participação e reivindicação de estrutura.

Há uma problematização e comparação com o ambiente empresarial e, especialmente, de lideranças femininas nestes espaços, expressando, novamente, a identidade de mulher de negócios. A narrativa de Vera faz alusão a este espaço, evidenciando a admissão de mulheres como uma tendência mundial e como uma necessidade de visão de instituições a respeito da diversidade.

É interessante que esta perspectiva seja problematizada na medida em que veio representar um discurso, além de ser apenas uma representatividade feminina, a lógica empresarial coexiste com uma estrutura de pensamento liberal, que, apesar de não definir as mulheres rotarianas como coadjuvantes, acaba por as definir como conservadoras quando comparadas a outros discursos feministas cujo viés é a quebra total de estruturas socialmente construídas sob as relações de poder masculinas e as construções baseadas em estereótipos de sexo e valor social.

Liderança e potencial são características que se mostraram presente na narrativa de Vera, sua inspiração para a criação da obra surgiu após assistir um discurso de Laura Bush, na 109° Convenção do Rotary, em Toronto, Canadá. Além disto, Vera citou que leu o livro *Broad* 

*Influence: How women Are Changing the Way America Works*<sup>7</sup>, escrito pela jornalista Jay Newton-Small, e que pensou no Rotary quando tomou conhecimento a respeito da a estatística de que as mulheres, mesmo alcançando uma massa de 20% em uma instituição, mudam a maneira como a instituição funciona.

Neste discurso, aparentemente, a característica de feminilidade viria como um projeto para as instituições, não apenas como uma luta pelo espaço igualitário. As ações tomadas por Vera, e eu foram inspiradas na leitura de Newton-Small, demonstraram que, para ela, as mulheres acrescentariam mudanças significativas no Rotary Club e no ambiente empresarial, corroborando com um discurso que baliza a questão do "investimento às mulheres".

Pode-se dizer que esta ação se caracterizou como uma ação tática, pois foi através do convencimento e dos discursos proferidos durante sua trajetória que ela conseguiu influenciar outras mulheres do mesmo espaço e, também, adquirir autonomia, mesmo que haja problematizações quanto a sua identidade.

Podemos resumir as diferenças e semelhanças principais entre as senhoras de rotarianos e as governadoras e líderes distritais com a percepção de que os dois grupos compõem a representatividade das mulheres no Rotary Club como um todo, alavancando às conquistas de forma conjunta e, aliás, agindo de acordo com as restrições e permissões de gênero sofridas até então.

As narrativas das senhoras de rotarianos demonstraram características de esposa, mãe e cuidadora. Suas histórias estiveram pautadas em uma discursividade da benevolência, aparentemente, suas vivências no clube e a imagem de si demonstraram uma extensão das funções matrimoniais e do lar, expressando representações de uma feminilidade voltada à prática do cuidado.

Além disto, a história do marido no clube foi incluída em suas falas, testemunhando acreditar que essa trajetória foi traçada de forma conjunta, quase inseparável. Existiu a representação de afeto e admissão do conceito de família rotária quando se incluíam junto a outras famílias semelhantes e, assim, formavam clubes e compunham a Casa da Amizade.

As governadoras e líderes distritais apresentaram semelhança quanto ao casamento ter sido porta de entrada para o clube, mas que, no entanto, não foi o fato principal para a permanência e conquista de títulos. As governadoras expressaram uma maior preocupação com a gestão interna e com a representatividade feminina nos cargos dentro do clube.

79

<sup>7</sup> NEWTON-SMALL, Jay. **Broad Influence:** How women Are Changing the Way America Works. Time, 1° ed. 2016.

Outro fator essencial foram as características voltadas para uma feminilidade de mulher de negócios, em que a tripla jornada; casamento, liderança e trabalho; vieram a ser desafios travados em suas trajetórias, o que provocou com que expressassem, inclusive, uma discursividade crítica em relação às posições privilegiadas dos homens na sociedade.

Quanto a relação destas feminilidades com as masculinidades analisadas na biografia de Paul Harris, pudemos perceber que, apesar das senhoras de rotarianos apresentar características de benevolência comum àquilo que Harris constituiu como o materno, as governadoras e líderes distritais vieram a representar uma mistura do paterno e materno, demonstrando que apesar de ter existido a luta pela conquista de um espaço, este havia sido construído sob a ideia de uma masculinidade, a qual veio a serem admitida por se tratar de mulheres de negócios, assim como os rotarianos ao longo dos 84 anos de Rotary Club.

## CAPÍTULO 3

## Considerações Finais

Não há como negar que escrever sobre mulheres ditas conservadoras tenha sido uma tarefa desafiadora. Especialmente quando nos compreendemos como sujeitos históricos em constante crítica e amadurecimento, produzimos, com isto, nossas próprias perspectivas e visões de mundo, estabelecendo padrões e reproduzindo alguns estereótipos.

Com isto, fui positivamente surpreendida por conhecer a força que as mulheres no Rotary Club alcançaram no decorrer das décadas. Atualmente é notável e, inclusive, reconhecido o trabalho que realizaram ainda na condição de esposas de rotarianos e, posteriormente, como líderes em seus clubes.

Reconheci, também, a influência que um clube de serviço detém em um plano de sociedade, e o quanto, muitas vezes, este poder passa despercebido aos pesquisadores, pude pensar esta relação com as questões de gênero, mas reconheci o espaço que ainda precisa ser explorado na historiografia.

Definitivamente, o Rotary Club pode ser considerado uma região, na medida em que as relações e as práticas instituídas delimitaram fronteiras entre os associados e outros espaços que os exterioriza, seus costumes e hábitos, a cultura de grupo e os modos de agir foram constituindo uma rede em constante expansão que alcançou, hoje, um impacto internacional.

Foi possível pensar as mudanças ocorridas no final do século XIX e início do século XX, como uma ponte para a compreensão das relações da contemporaneidade, no decorrer do trabalho, essas passagens entre os períodos foram fundamentais.

O estudo das masculinidades foi um caminho para compreender o processo de admissão das mulheres em um clube de homens, mas abriu a possibilidade de mais estudos na área, tendo em vista que os homens no Rotary Club acabaram por deter algumas masculinidades hegemônicas, interferindo em tantas outras masculinidades consideradas subalternas.

Foi interessante a utilização das fontes produzidas, por parte do clube, na medida em que existiu a problematização e contextualização dos motivos que os levaram a desejar produzir um material de memória e, também, na preservação de acervos produzidos pelo Rotary Club. Esta abundância de fontes abriu a possibilidade para futuras pesquisas na área.

Os acervos do Rotary Club podem possibilitar o estudo da formação de um clube de serviço em um contexto de modernização de estado, mas, além disto, a possibilidade de compreensão da relação entre sujeitos considerados conservadores e de elite. Para isto, seria interessante dar início a pesquisas que relacionassem uma bibliografia das elites com as fontes do clube, compreendendo

a relação que a organização desenvolveu com a economia, política e, especialmente, com as questões sociais.

Exatamente pelo histórico da formação das políticas sociais no Brasil e a interferência massiva das mulheres na luta por uma assistência social democrática, seria interessante compreender de que forma os clubes de serviço e as ações dessas figuras nas Casas de Amizade e associação das senhoras de rotarianos, influenciaram nestas políticas de estado.

Isso porque, a principal consideração sobre o trabalho é a de que, definitivamente, as mulheres não ocuparam apenas a condição coadjuvante no processo de admissão como sócias no Rotary Club, ao contrário, a manifestação de suas táticas foi o que tornou possível o estabelecimento de suas ações como protagonistas.

Tivemos conhecimento de que já existiu, na área de ciências humanas, certo interesse em estudar, não apenas o Rotary Club, mas, também, outros clubes de serviço, por terem tido um impacto no funcionamento político-social devido à forte influência do poder das elites na modernidade.

Entre os autores brasileiros que compuseram relevância para o presente trabalho, constaram a educadora Águeda Bernadette Uhle (1991), a cientista social Maria Graça Jacintho Setton (1996) e o historiador Renato Santos Lacerda (2007), todos influenciados pelas discussões realizadas por Antônio Gramsci em *Cadernos do Cárcere* (1932).

No entanto, a historiografia, por ter assumido nos últimos tempos uma postura focada nos sujeitos marginalizados e na história cultural, não se ocupou em acender tantos holofotes nas perspectivas de homens e mulheres ditos conservadores e privilegiados, o presente trabalho procurou realizar parte desta falta, na medida em que buscou um olhar, uma perspectiva, que complementasse a importância dos sujeitos na História.

Procurando encontrar esta perspectiva histórica que conseguisse apresentar os homens e as mulheres como sujeitos fundamentais, e não, necessariamente, como protagonistas ou coadjuvantes. A área de História e regiões consolidada na nova história social, permitindo a existência de um possível diálogo devido a sua acessibilidade com outras áreas de conhecimento.

Especialmente por ter existido uma aproximação com as ciências sociais e a geografia, o acesso ao conhecimento possibilitou a compreensão de espaço e, portanto, a noção das relações entre os sujeitos.

Um dos resultados da utilização desta perspectiva foi que a utilização dos estudos de gênero não fora pensada de forma isolada ou como delimitação de uma história das mulheres ou de masculinidades, mas, sim, trabalhada como relações de poder.

Desta forma, a proposta compreendeu as relações entre os gêneros como um dos meios de consolidação e delimitação de um espaço, ou seja, a partir destas relações foram instituídas marcas, estabelecidas memórias coletivas e identitárias na solidificação das formas de ação e atuação do grupo.

O *corpus* ideológico norte americano, pensando direcionado ao Rotary Club, atuou por meio das relações de gênero como uma forma de estabelecer um poder invisível e simbólico na família rotária.<sup>8</sup> A ideia da fraternidade universal e o bem-estar social de *Saint-Simon* despontou simbolicamente como influência do convívio social alcançado através da amizade, do ideal de servir e das funções masculinas e femininas na associação, relacionadas ao paterno e ao materno.

De maneira especial, por ser o objetivo do presente trabalho, entender um pouco sobre a compreensão da inserção da mulher em um grupo cujo ideais estavam pautados nestas características, foi relevante a fim de se buscar assimilar elementos envoltos na construção dos ideais e dos sujeitos durante seu processo de fundação, questionando qual local elas ocuparam.

Percebemos que, dentro do Rotary Club, a admissão das mulheres correspondeu a manifestação destes interesses, pois, apesar de que o caminho e reivindicação deste espaço tenha sido um conjunto de conquistas e ações táticas, existiu, por parte da organização, um interesse de que elas se enquadrassem neste *corpus* ideológico, para que a estrutura de um capital social e simbólico permanecesse.

Ainda assim, é importante que os historiadores visualizem que os sujeitos não viveram em uma inércia do poder vigente em suas produções cotidianas, mas reagiram a essa autoridade por meio da fabricação de uma cultura própria (CERTEAU, 1998).

A reação a essa autoridade foi manifestada nas narrativas das mulheres, na medida em que a cultura própria produzida por elas foi apresentada em suas formas de agir enquanto rotarianas. Não somente nas formas individuais e autônomas de organização, mas, de forma singular, na noção de coletividade feminina, pautada em uma identidade dentro do clube, diferenciadora dos homens.

Foi satisfatório realizar uma escrita em que pudesse, ao menos, apresentar estas mulheres sob suas perspectivas, expressando uma ótica diferenciadora e que alcançasse a conquista de deslegitimar a ideia de participação coadjuvante em seus espaços. Foi possível enxerga-las como

83

<sup>8</sup> De acordo com o Rotary Clube Internacional, a família rotária é os conjuntos de organizações dentro dos Rotary Club's: Para muitos rotarianos, a família rotária é formada por cônjuges, irmãos, irmãs, pais e filhos, cujo trabalho em prol de nossa organização é certamente muito valorizado. Na minha opinião, no entanto, se os membros de nossa família não forem rotarianos, eles não são considerados parte da família rotária. Na verdade, a família rotária é formada por todos os distritos, clubes, rotarianos e programas do Rotary Internacional e, também, pela Fundação Rotária. Fonte: ROTARY CLUB. A família do Rotary. 2020. Disponível em <a href="http://revistarotarybrasil.com.br/a-familia-do-rotary/ROTARY CLUB">http://revistarotarybrasil.com.br/a-familia-do-rotary/ROTARY CLUB</a>, acesso em 30 de mar. 2020.

sujeito e agente do meio, junto a isto, alcançar parte do objetivo centrado na visão de que o Rotary Club não estivesse relacionado apenas à imagem masculina e, sim, como um espaço de relações entre os gêneros e de grande protagonismo feminino.

### **FONTES**

BARRETO, BRIGITTE. **Uma das pioneiras no primeiro Club**: Depoimento ao Rotary Club. Edição nº 1170 da Rotary Brasil. Dezembro de 2019, p. 36.

OU

ROTARY CLUB. **Uma das pioneiras no primeiro Club**: Depoimento de Brigitte Barreto ao Rotary Club. Edição nº 1170 da Rotary Brasil. Dezembro de 2019, p. 36.

BERTAGNOLI, Vera Canto. **Idealizadora do livro das governadoras**: Depoimento ao Rotary CLUB. Edição nº 1170 da Rotary Brasil. Dezembro de 2019, p. 39.

BICUDO, Hermione Elly Melara de Campos. **Depoimento ao Rotary Club**. São José do Rio Preto. 2018, p. 47.

FONSECA, Fernanda Fonseca. **Depoimento ao Rotary Club**. São José do Rio Preto. 2018, p. 45.

FULAS, Ângela Figueiredo. Depoimento ao Rotary Club. São José do Rio Preto. 2018, p. 15.

GONÇALVES, Maria Luiza Dionísio. **Depoimento ao Rotary Club**: Cada da Amizade. 2018, p. 77.

LOPES, Maria Cristina Noceti. Depoimento ao Rotary Club. São José do Rio Preto. 2018, p. 63.

NUGENT, Jô. **Como as mulheres têm afetado o Rotary Internacional?.** Brasil Rotário, 1990, p 16-17. Disponível em https://issuu.com/revistarotarybrasil. Acesso em 20 de jun. 2019.

QUEIROZ, Maria de Lourdes Palhares. **Depoimento ao Rotary Club**. São José do Rio Preto. 2018, p. 67.

ROTARIANOS DO DISTRITO 4480, **Associação das Mulheres**. São José do Rio Preto: Rotary Distrito 4480, 2018.

TRISTÃO, Eliane de Fátima Luiz. **Depoimento ao Rotary Club**: Casa da amizade de Itápolis. 2018, p. 41.

VILLAS, Adélia Antonieta. **Depoimento ao Rotary Brasil**.2019, p.38.

ROTARY CLUB. **Revista Rotary Brasil** - Dezembro de 2019. ed. n° 1170 da Rotary Brasil. Dezembro de 2019. Disponível em <a href="https://issuu.com/revistarotarybrasil/docs/dezembro\_2019/10">https://issuu.com/revistarotarybrasil/docs/dezembro\_2019/10</a>. acesso em 20 de jan. 2020.

### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**. Dourados, MS, v.10, n. 17, p. 55-67, jan/jun, 2008.

BAKTHIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BITTENCOURT, Agueda Bernadete. *Comunhão leiga*: o Rotary Club no Brasil. 1991. 353 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 1991.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

BURKE, Peter; BURKE, Maria Lúcia Pallares Gacia. Os ingleses. Contexto, São Paulo, 2016.

BOTTON, Fernando Bagiotto. **Liderança política e autoridade paterna: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón**. Tese (Doutorado em História) – Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. Estudos Históricos: indivíduo, biografia, história, Rio de Janeiro, vol. 10, n. 19, p. 83-97, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21jan./abr, p. 241-282, 2013.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal,1992.

GUIMARÃES, Lucas Domingues. **A sociabilidade e seus espaços: um estudo histórico a partir de seus intérpretes**. 2008. Dissertação (Mestrado) — UFRJ/PROURB/Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.2, 2004 p. 42 [caderno 12, especial, parágrafo 1, 1932].

GUARIZA, N. M. **As Guardiãs do lar: a valorização materna no discurso ultramontano**. 148 p. Dissertação (Mestrado em História) — Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2003.

HARRIS, Paul. Meu caminho ao Rotary. Curitiba: Ed Lítero técnica, 1984.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos – Corpo, Doença e Saúde**. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, n. 9, pp. 103-117, 1998.

LACERDA, Renato Santos. **Rotary Club: poder invisível na terra prometida**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, 2007.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: **Revista dos tribunais** Çtda/Vértice, 1990.

MARTINS, Ana Paulo a Vosne. Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história da benevolência e da feminilização da bondade. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, p. 143-170, jul./dez. 2013.

MARTINS, Ana Paula Vosne. A feminilização da filantropia. **Gênero**, v.15, n°2, p. 13-28. Niterói, 2015.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Itinerários do associativismo feminino no Brasil: uma história do silêncio. Special Issue: **The History of Human Services in Brazil and Argentina** Vol. 17 No. 2 November 14, 2016.

NASH, Mary. Maternidad, maternología y reforma eugénica en España, 1900-1939 In: Georges Duby; Michelle Perrot (Orgs). **Historia de las mujeres en Occidente**: el siglo XX. vol. 5. Tauros Ediciones: Madrid, p. 627-646, 1996.

PEREIRA, Margareth A. C. Silva. Localistas e cosmopolitas: a rede do Rotary Club Internacional e os primórdios do urbanismo no Brasil (1905-1935). In **ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR**, 12, 2007, Belém: ANPUR, 2007.

PEREIRA, L. M. L. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias**. História Oral, Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 3, p.117-127, 2000.

PERROT, Michelle. As Mulheres ou os Silêncios da História. Bauru: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. (Org.) **História da vida privada**, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução Denise Bottmann, Bernardo Joffily – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROTARY CLUB. **Revista Rotary Brasil** - Dezembro de 2019. ed. n° 1170 da Rotary Brasil. Dezembro de 2019. Disponível em <a href="https://issuu.com/revistarotarybrasil/docs/dezembro\_2019/10">https://issuu.com/revistarotarybrasil/docs/dezembro\_2019/10</a>. acesso em 20 de jan. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica. Recife: **SOS Corpo**, 1990.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Rotary Club: Clubes de serviço ou "clubes de capital social e capital simbólico?" 1996. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

SEVERO, Cristine Gorski. Sobre o sujeito na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, n. XXV, v. VII, p. 45-60, 2008.

UHLE, Águeda Bernadete. **Comunhão leiga: o Rotary Club no Brasil** 1991 Tese (Doutorado em Educação). Unicamp, Campinas. 1991.

UHLE, Águeda Bernadete. **O poder e a força de um clube de serviço**. Pro-Posições, Campinas. 4, n° 2, p. 60-68, 1993.

# (X) Autorizo a divulgação integral deste trabalho no banco de dados do PPGH/UNICENTRO.

( ) Autorizo apenas a divulgação do resumo e do *abstract* no banco de dados do PPGH/UNCENTRO.

Irati(PR), 01 de Abril de 2021.

Amanda Lamara Demétrio Santos